



**UFRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**LUCIANA DE CARVALHO PIERI**

**A OBJETALIDADE DESVELADA NA PASSAGEM AO ATO SUICIDA**

**RIO DE JANEIRO-RJ**

**2020**

**LUCIANA DE CARVALHO PIERI**

**A OBJETALIDADE DESVELADA NA PASSAGEM AO ATO SUICIDA**

Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes.

**RIO DE JANEIRO-RJ**

**2020**

Dissertação a ser apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

---

LUCIANA DE CARVALHO PIERI

Dissertação apresentada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

---

Orientador: Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

---

1ª Examinadora: Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

---

2ª Examinador: Marcos Vinícius Brunhari  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P618

Pieri, Luciana de Carvalho.

A objetividade desvelada na passagem ao ato suicida / Luciana de Carvalho Pieri. 2020.

64 f.

Orientador: Amandio de Jesus Gomes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2020.

1. Psicanálise. 2. Suicídio. 3. Sujeito (Psicanálise). I. Gomes, Amandio de Jesus. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

## AGRADECIMENTOS

Àqueles que estiveram ao meu lado suportando minhas angústias e me dando muito apoio e colo durante este percurso, em especial, à minha anja da guarda Beatriz Alves, minha amiga-irmã Maria Ramiro e meu melhor amigo Gabriel Duarte.

À minha mãe pela presença e encorajamento que tanto me fortaleceram e me acalentaram.

Ao meu pai pela musicalidade e sensibilidade que me traz calma.

Ao meu irmão pela imensa doçura, cuidado, risadas e muitas “doideiras”.

Aos meus animais de estimação Belinha (*in memorian*) e Kika (*in memorian*) por me fazerem experienciar um amor incondicional. E à Frida e Kiko por todo carinho e brincadeiras que me tiraram do transe da escrita.

Ao meu melhor parceiro de trabalho e bar Ramiro Faria pela sua imensa dedicação e desejo em transmitir a psicanálise de forma clara e rigorosa. Obrigada por estar ao meu lado me ensinando tanto.

Ao meu orientador Amandio de Jesus Gomes por apostar em mim e no meu trabalho desde a graduação. Agradeço enormemente pelos intermináveis debates e pela riqueza das orientações e supervisões. Admiro sua humildade e disposição em ouvir minhas inquietações sempre de forma tão horizontal e sincera.

À Angélica Bastos pelo acolhimento na pesquisa de iniciação científica, pelas supervisões na DPA e participação nos grupos de estudo que tanto me impulsionaram a dar corpo às minhas ideias e articulações. Muito obrigada pelo rigor e aposta.

Ao professor e membro externo da banca Marcos Vinicius Brunhari por aceitar o convite de forma tão doce e gentil. Obrigada por toda a inspiração. Admiro profundamente seu trabalho com esse tema que tanto nos instiga.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo subsídio para a produção da dissertação.

À pesquisa científica e a todos os pesquisadores e pesquisadoras que resistem e lutam arduamente para que ela sobreviva e se mantenha dentro e fora das universidades do Brasil e do mundo.

Às universidades públicas do país e, em especial, à Universidade Federal do Rio de Janeiro e toda “balbúrdia” que ela me proporcionou durante estes sete anos. Porque balbúrdia também é barulho.

#MariellePresente!

## RESUMO

PIERI, Luciana de Carvalho. Rio de Janeiro, 2020. 64f. *A objetividade desvelada na passagem ao ato suicida*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A dissertação aborda uma discussão sobre o conceito “passagem ao ato” atrelado ao campo do suicídio a partir de uma dimensão objetual. Pesquisando o conceito em questão, nos deparamos com a necessidade de dar relevo a uma *face objetual* no Eu em Freud e no sujeito em Lacan, uma vez que ela tornou possível um caminho para realizarmos uma investigação acerca da passagem ao ato suicida. O tema que propomos trabalhar é fruto de um percurso de nossa formação acadêmica e se impôs, radicalmente, através da escuta de sujeitos em risco ou com histórico de tentativas de suicídio. O termo *niederkommen lassen* (deixar-se cair), apropriado por Lacan (1962-63/2006) do caso clínico freudiano da Jovem Homossexual (1920/2006j) para relatar sua tentativa de suicídio, conduziu-nos a traçar uma elaboração acerca do objeto pequeno *a* enquanto resto, objeto da queda (*niederfallen*), ao qual o sujeito da passagem ao ato se identifica e se deixa cair. Ao ser capturado como objeto, *libra de carne*, o sujeito que passa ao ato visa responder, de forma abrupta e disruptiva rompendo com o campo do Outro, ao afeto que não engana: a angústia. Ademais, as formulações freudianas que articulam o mecanismo melancólico ao suicídio são norteadoras e introduzem uma superposição do objeto que, a partir do conceito de identificação, extrapola um viés patológico, se aproximando a uma condição própria da constituição do Eu, a saber, de se fazer objeto, de assumir características dele. Apostando nestas etapas de desenvolvimento, buscamos explorar, a partir da teoria freudolacanianiana, as implicações da objetividade para se discutir o suicídio, uma questão tão complexa e urgente na atualidade.

**Palavras-chave:** Passagem ao ato; Suicídio; Objetividade; Psicanálise.

## ABSTRACT

PIERI, Luciana de Carvalho. Rio de Janeiro, 2020. 64f. *A objetividade desvelada na passagem ao ato suicida*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This dissertation addresses a discussion on the concept of “passage to the act” tied to the field of suicide from an objectal dimension. Researching the subject, we found the need to emphasize the objectal aspect of the Ego in Freud and the subject in Lacan, since it enabled an investigation on the passage to the suicidal act. The topic that we set out to work on is the result of our academic background and imposed itself, radically, through the listening of subjects at risk or with history of suicide attempts. The term *niederkommen lassen* (to let yourself fall), taken by Lacan (1962-63/2006) from Freud’s case-study of the Young Homosexual Woman (1920/2006j) and used to describe her suicide attempt, led us to elaborate on the *objet petit a* as a leftover, an object of the fall (*niederfallen*), to which the subject of the passage to the act identifies itself with and let itself fall. When it is apprehended as object, *the pound of flesh*, the subject that passes to the act tries to answer, in an abrupt and disruptive manner to the field of the Other, to the affect that doesn’t mislead: the angst. Furthermore, the Freudian formulations that articulate the melancholic mechanism with suicide are to be perceived as guidelines and introduce an overlapping of the object which, from the concept of identification, extrapolates a pathological stance, getting closer to a proper condition of the Ego’s constitution, namely, to take on the object’s characteristics. Focusing on these developmental stages, we intend to explore, having the Freudian theory as our background, the implications of objectality for the discussion on suicide, a complex and urgent matter nowadays.

**Key words:** Passage to the act; Suicide; Objectality; Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 – DIMENSÃO OBJETAL DO EU EM FREUD</b> .....	15
1.1 Preâmbulo da objetividade: o Eu é também objeto da libido.....	15
1.2 A objetividade em evidência a partir da identificação.....	17
1.3 A introjeção do objeto digno de amor e ódio.....	21
1.4. O objeti triunfa e o eu se deixa morrer: o enigma do suicídio.....	24
<b>CAPÍTULO 2 – DIMENSÃO OBJETAL DO SUJEITO EM LACAN</b> .....	32
2.1 A queda do objeto <i>a</i> e o lançamento do sujeito para o que ele é de libra de carne....	32
2.2 Do triunfo à angústia: o objeto <i>a</i> é recortado da imagem.....	38
2.3 Do <i>niederfallen</i> ao <i>niederkommen</i> : da queda do objeto à queda do sujeito.....	43
<b>CAPÍTULO 3: SOBRE O CONCEITO DA PASSAGEM AO ATO</b> .....	49
3.1 Ação e ato.....	51
3.2 Do <i>Agieren</i> ao <i>acting out</i> .....	55
3.3 Subir no palco e <i>niederkommen lassen</i> .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63

*“Nesta vida morrer não é difícil. O difícil é a vida e seu ofício”*  
(Vladimir Maiakovski)

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma discussão sobre a dimensão objetual revelada no Eu freudiano e no sujeito em Jacques Lacan visando contemplar a temática do suicídio a partir do conceito de “passagem ao ato”. Pesquisando tal conceito, nos deparamos com a necessidade de dar à luz um ponto mais essencial: a condição dessa modalidade de ato, a saber, a identificação do sujeito com o objeto *a* e sua face objetual perturbadora. A investigação conta com a conceitualização do objeto pequeno *a* contemplando a angústia como o afeto que poderia lançar o sujeito a uma passagem ao ato, uma vez que ele se encontra radicalmente capturado pelo objeto enquanto resto, dejetivo. Lacan (1962-63/2005) correlaciona a passagem ao ato ao termo alemão “*niederkommen lassen*” (deixar-se cair) – apropriado da literatura freudiana do conhecido caso clínico da jovem homossexual – utilizado pela paciente ao relatar sua tentativa de suicídio. O *niederkommen* denuncia “um relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como *a*” (LACAN, 1962-63/2005, p.124) lançando-o para um movimento abrupto onde ele “se precipita e despenca para fora da cena” (ibid., p.129). Ademais, considerando fundamental um retorno à teoria freudiana, formularemos, antes de abordarmos o conceito de objeto *a* em Lacan, a face objetual do Eu a partir das suas relações com os objetos. No âmbito destas relações, Freud realça que o Eu pode vir a sucumbir, perecer, “ser esmagado ou aniquilado” (FREUD, 1923/2006l, p.69) ao se identificar ao objeto. Se fazendo de objeto, o Eu passa a ser alvo das expressões hostis e destrutivas e, assim como o “deixar-se cair” retomado por Lacan, Freud aponta para um deixar-se morrer<sup>1</sup>, oferecendo-nos algumas vias significativas para adentrarmos a temática do suicídio.

O tema da pesquisa é fruto de um percurso acadêmico que conta com diversos trabalhos realizados ao longo da graduação. Ademais, ela tomou outros contornos durante o mestrado. O interesse pela investigação sobre a passagem ao ato e, em especial, a suicida, surgiu das experiências obtidas nessa trajetória. No âmbito da clínica, o estágio interno na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) foi determinante devido à alta demanda de pacientes em risco, com histórico de suicídio e sujeitos a auto e heteroagressividade. Essa experiência levou-nos à realização da pesquisa de iniciação científica intitulada “*Passagem ao ato e acting out*”, a participação de grupos de estudos sobre os Seminários 4 – *a relação de objeto* (1956-57) e 10 – *a angústia* (1962-63) de Jacques Lacan e se desdobrou em um projeto de mestrado. Ademais, os estágios externos no projeto de extensão “Laços & Nós – Geração de Renda no HD/CAD-IPUB/UFRJ” e na banda Cancioneiros do IPUB, ambos dentro do hospital psiquiátrico da

---

<sup>1</sup> Referência situada em *O Eu e o Isso* (FREUD, 1923/2005, p.70).

UFRJ, forneceram importantes subsídios teóricos para questionarmos certas particularidades subjetivas de um sujeito buscando uma saída para resolver seu sofrimento<sup>2</sup>.

A relevância desta pesquisa se apoia, sobretudo, em torno da visibilidade que o suicídio, enquanto uma prioridade de saúde pública no Brasil e no mundo, tomou. Segundo uma notícia publicada no G1 em 2019, enquanto que o índice global da taxa de suicídio teve uma queda de 9,8%, no Brasil foi contabilizado 6,1 suicídios a cada 100 mil habitantes, evidenciando um aumento de 7% entre 2010 e 2016, último ano da pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Dados como esses vêm sendo publicados ao longo dos últimos anos e servem de alerta para muitos profissionais da área da saúde que se debruçam sobre o tema para construir outras formas de lidar e cuidar. Por mais que a discussão em torno do suicídio tenha sido ampliada e elaborada a partir de um viés multidisciplinar por órgãos nacionais e internacionais – que aprimoraram suas políticas públicas a partir da criação de estratégias para prevenir e combater o suicídio – optar pela morte, seja no plano da ideia ou pela tentativa, ainda é um tabu. No campo psicanalítico, a temática do suicídio é desafiadora. Ela se impõe ao analista no âmbito da clínica, mas também aos pesquisadores que investigam esse tema tão enigmático. Por ser um assunto delicado, de grande complexidade e cada vez mais discutido por estudiosos de diversas áreas, julgamos pertinente trazer, pela literatura do nosso campo, algumas considerações indispensáveis para pensar essa questão tão urgente.

Em nosso campo, portanto, optamos por analisar o conceito da passagem ao ato tal como apresentado no *Seminário 10 – a angústia* por Jacques Lacan (1962-63/2005) que, situado no quadro da angústia, consiste em uma resposta do sujeito, em ato, ao afeto que não engana. Ao correlacionar o conceito da passagem ao ato ao termo alemão “*niederkommen lassen*” observamos uma aproximação possível entre a passagem ao ato e a temática do suicídio, por mais que, em hipótese alguma, esse se reduza ou se iguale a ela. Isso quer dizer que uma tentativa de suicídio não necessariamente consiste em uma passagem ao ato e vice versa, por mais que destaquemos um ponto de articulação através da objetividade. O conceito, transposto da psiquiatria para o campo da psicanálise, já havia sido formulado a partir da criminologia e utilizado para referir-se, estritamente, a atos violentos e delituosos, como testemunhados nos casos Aimée e das irmãs Papin<sup>3</sup>. Uma vez articulada ao objeto *a*, essa modalidade de ato denuncia uma dimensão objetiva do sujeito, revelando um ponto estrutural abominável e

---

<sup>2</sup> Tais particularidades não serão contempladas na presente dissertação.

<sup>3</sup> Casos explorados por Lacan em sua tese de doutorado *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (1932/1987).

perturbador, gerador de uma angústia tão extrema que o impele a realizar um movimento abrupto e disruptivo para resolvê-la/respondê-la.

Em Freud, apostamos na sustentação de uma objetividade do Eu – ao **se fazer objeto** – em conjunção à temática do suicídio. Assim, abriremos a discussão desta dissertação salientando determinadas formulações freudianas, mesmo que elas não abordem diretamente o conceito da passagem ao ato, visto que tal conceito só foi introduzido dentro da teoria psicanalítica por Lacan anos mais tarde. Ademais, é importante ressaltarmos que nossa pesquisa não realiza uma teorização de objeto em Freud, a saber, uma diferenciação entre os objetos trabalhados em seu ensino, pois isso demandaria um extenso e cuidadoso desenvolvimento que se distanciaria de nossa proposta. Contamos, de qualquer maneira, com diversos conceitos ao longo das etapas de discussão presentes em textos que se situam em momentos distintos de sua obra. Atravessando a primeira e a segunda tópica, acompanharemos seu desenvolvimento e as transformações neste percurso.

Visto isso, no **primeiro capítulo**, intitulado *Dimensão objetal do Eu em Freud*, teceremos uma discussão sobre uma face objetal do Eu visando tocar o campo enigmático do suicídio. Introduziremos a questão da objetividade a partir do problema apontado em *O Narcisismo* (1914/2006e) onde o Eu se revelou ser também objeto da libido. Ademais, o texto *Luto e Melancolia* (1917/2006h) será basilar, pois nos oferece inúmeros instrumentos teóricos para a construção da discussão sobre como a dimensão objetal do Eu se apoia no conceito de identificação e como o tema do suicídio é examinado a partir do mecanismo melancólico. Desse modo, a melancolia nos dá alguns recursos importantes para pensar o auto aniquilamento do Eu e encontramos nela uma chave de compreensão que extrapola uma via mera e exclusivamente patológica. A melancolia e o suicídio apontam para uma **superposição do objeto sobre o Eu que se encontra identificado justamente a ele**. Veremos que, por um processo de cisão do Eu no mecanismo da melancolia, a parcela identificada ao objeto sucumbe às recriminações e punições sádicas aplicadas pelo Supereu e, por essa via, encontra-se sem proteções e subjugada. Ademais, as observações feitas por Freud demonstram uma tendência mais típica e comum em erigir e preservar o objeto por meio da identificação, **indicando nessa objetividade do Eu algo que contribui para a sua própria constituição**. Os sentimentos de amor e ódio que permeiam toda e qualquer identificação são determinantes para que o Eu, identificado ao objeto, seja digno de amor, mas também de ódio. A problemática do suicídio vai tomando outros caminhos ao longo dessas etapas de construção teórica e se tornando menos enigmática conforme o Eu vai se afastando de uma faceta autoconservadora e reguladora e revelando ser, ao assumir as

características do objeto, um alvo das expressões da pulsão de morte como o sadismo. Desse modo, o Eu pode buscar a sua auto aniquilação, **se deixando morrer**. Destacaremos, portanto, o empoderamento do objeto e o passo dado, pelo Eu, para sua autodestruição.

O **segundo** capítulo, intitulado *Dimensão objetal do sujeito em Lacan*, contará com uma vasta análise do *Seminário 10 – a angústia* (1962-63/2005) contemplando, sobretudo, uma conceitualização do objeto *a* como determinante para a investigação acerca da dimensão objetal do sujeito, visto que ela é estrutural. Portanto, utilizaremos alguns esquemas, fórmulas e quadros elaborados por Jacques Lacan com o intuito de revelar algo da ordem da estrutura do sujeito que aponta para a sua objetividade em direção à temática da passagem ao ato suicida. Para tanto, faremos um trajeto teórico abarcando alguns elementos cruciais, a saber: o primeiro esquema da divisão, representando a gênese do objeto pequeno *a* como um resto que deve cair de uma operação significante; a figura do toro, para situarmos o objeto *a* no furo central destacado pelo círculo da demanda e do desejo; o lançamento do sujeito para a sua objetividade a partir da pergunta *Che Vuoi?* (Que queres?); o esquema óptico e a relação do objeto *a* (desnudo das vestes imaginárias) com *i(a)* e a possibilidade de sua irrupção no lugar da falta (menos *fi*) causando angústia; o quadro da angústia, situando a passagem ao ato como uma resposta ao afeto que não engana; a dimensão de cena e mundo, destacando um limite do significante por onde o sujeito da passagem ao ato se precipita. Tais suportes buscam conceituar pontos fundamentais acerca da objetividade visando, no campo da linguagem, mostrar alguma coisa que escapa ao significante e, no registro especular, tratar do furo na imagem, ou seja: o objeto *a* enquanto resto fundamental de uma operação simbólica que não se especularizou. Este resto, dejetado, libra de carne, será justamente o objeto ao qual o sujeito se reduz numa passagem ao ato.

Por último, o **terceiro capítulo**, *Sobre o conceito da passagem ao ato*, apresentará a história da passagem ao ato e, buscando dar continuidade à temática do suicídio, abarcará algumas reflexões importantes feitas por Lacan, Freud e comentadores da contemporaneidade acerca da noção de ação e ato, *Agieren e acting out*. Portanto, avançaremos no ensino de Lacan, botando em relevo questões levantadas no *Seminário 15 – o ato psicanalítico*, e trabalharemos outros textos da obra freudiana, buscando traçar certas distinções para esclarecer algumas balizas fundamentais concernentes ao campo da psicanálise.

Primeiramente, torna-se capital o estabelecimento de uma articulação entre o ato e o significante, retirando o ato de um registro natural e biológico. Dando a ele um valor significante e determinado pelo inconsciente, deslocaremos o ato de um plano meramente

motor, próprio da ação. A partir disso, buscaremos trazer, através da passagem ao ato – no âmbito da súbita relação do sujeito com o objeto que escapa à “significantização” – um movimento de rompimento com o significante que instaura uma temporalidade e um aspecto inaugural. Ao destacarmos que “a passagem ao ato está do lado do sujeito na medida em que este aparece apagado ao máximo pela sua barra” (LACAN, 1962-63, 2005, p.129), colocaremos ênfase na objetividade desvelada no instante desse ato, onde, identificado radicalmente ao objeto enquanto resto abominado pelo Outro, ele se deixa cair, deixando-se morrer.

Por fim, sublinharemos a noção da falha na passagem ao ato suicida e a possibilidade de renovação do sujeito a partir do endereçamento de um testemunho. Para tanto, traremos o caso da jovem homossexual, paradigmático para a distinção entre *acting out* e passagem ao ato por denunciar, respectivamente, a subida ao palco e o deixar-se cair. Em ambas as modalidades de ato observamos em seu cerne uma perturbação na relação do sujeito com o objeto *a*. Contudo, no *acting out* o objeto destacado e mascarado pelo véu é mostrado em cena para o Outro. Já a passagem ao ato suicida da jovem desvela o objeto em sua face residual, objeto *a* enquanto resto, esse que se cola ao sujeito pela identificação radical em que ele cai como objeto dejetado a ser descartado da cena do Outro para o mundo.

## **CAPÍTULO 1 – A dimensão objetal do Eu em Freud**

### **Sessão 1.1 – Preâmbulo da objetividade: o Eu como objeto da libido**

O tema do suicídio foi inicialmente contemplado no *Rascunho G* (1895/2006a) e em *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (1910/2006c). No entanto, é em *Luto e Melancolia* (1917/2006h) que Freud realiza uma análise radicalmente distante de uma delimitação psicopatológica e introduz a função do objeto em seus respectivos mecanismos. A partir de novas formulações, bem como da passagem da primeira para a segunda tópica, a temática do suicídio ganha novos contornos. Nosso objetivo é poder trazer, pela melancolia – que foi articulada por Freud ao suicídio em diversos momentos de sua obra –, subsídios teóricos que permitam uma investigação em torno de uma dimensão objetal que aponta para uma identificação.

No texto de 1895, intitulado *Rascunho G*, Freud tece algumas noções importantes acerca da melancolia, o que nos permite apontar, ainda em germe, um estatuto peculiar de perda e identificação. Ele correlaciona o luto à melancolia em seu aspecto afetivo por ambos experimentarem uma perda na vida pulsional, advertindo que “a melancolia consiste em luto por perda da libido” (FREUD, 1895/2006a, p.247). Ademais, atribui à melancolia a inibição psíquica, o empobrecimento pulsional e o sofrimento expresso pela dor. É importante ressaltar que o empobrecimento é definido metaforicamente pela ferida por onde ocorre uma espécie de “hemorragia interna” (ibid., p.252), como se a “excitação escapasse através de um buraco” (ibid., p.253) na esfera psíquica.

As discussões referentes ao binômio luto-melancolia e ao suicídio só foram possíveis a partir das novas descobertas freudianas e do desenvolvimento de alguns conceitos que, até então, se mostravam insuficientes no âmbito de sua investigação. Os conceitos de narcisismo e de ideal do Eu foram determinantes nesse processo. Portanto, antes de adentrarmos o texto *Luto e Melancolia* (1917/2006h), torna-se necessário desenvolver brevemente tais conceitos.

Em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914/2006e) Freud expõe um problema teórico-clínico que marca uma torção radical de sua teoria pulsional, a saber, que o Eu é, também, objeto da libido. Seu trabalho com pacientes parafrênicos demonstrou que o Eu não investia apenas nos objetos externos, como também tornava-se alvo da libido por um processo de regressão. Nesses casos, havia um real afastamento do mundo externo – uma espécie de perda de realidade – que se mostrara díspar da fuga neurótica pela via da fantasia. A libido

dirigida ao mundo externo era retirada e não havia uma substituição por outras na fantasia, mas uma introversão dessa energia ao Eu. Afastando-se do mundo externo, a retração da libido foi denominada por Freud (1914/2006e) de narcisismo. Circunscrito no campo das perversões pelo saber médico, Freud atribui ao conceito do narcisismo um cunho distinto daquele meramente patológico. Definiu-o, portanto, como uma condição comum na vida dos neuróticos e próprio do desenvolvimento sexual humano. Essa novidade teórica levou Freud a realizar uma revisão de seu primeiro dualismo pulsional, já que as pulsões do Eu (ou de autoconservação), que se contrapunham às pulsões sexuais, passaram a revelar um caráter libidinal.

Versando sobre a sexualidade infantil, Freud já havia postulado que, em um estado inicial da libido, o corpo era tomado como objeto devido ao investimento autoerótico. No entanto, no âmbito do desenvolvimento do Eu, ele atenta para a necessidade de uma nova ação psíquica que, adicionada ao autoerotismo, provocaria o narcisismo (FREUD, 1914/2006e). Os limites do narcisismo deveriam ser ultrapassados devido ao acúmulo de libido represada no Eu que, guiado pelo princípio do prazer, era impelido pela sensação de desprazer a direcionar sua libido aos objetos do mundo externo. Com efeito, Freud (1914/2006e) afirma que essa necessidade surge quando a libido excede certa quantidade e que, então, deveríamos amar os objetos para não adoecermos. Doravante, torna-se capital a distinção entre os narcisismos primário e secundário, uma vez que o primeiro marca a fase em que a libido se restringe apenas ao Eu e o segundo ocorre quando há um redirecionamento da libido para o Eu após a retração em relação ao mundo externo.

A revisão pulsional soluciona, em parte, o problema gerado pelo narcisismo: postula-se uma nova dicotomia, em que ambos os lados estarão marcados pela libido (binômio eu-objeto). Desse modo, Freud (1914/2006e) estabelece a libido do Eu e a libido do objeto como derivações das pulsões do Eu e das pulsões sexuais, mantendo ambas no terreno daquilo que se manifesta pela libido. A distinção não mais se define pela presença ou ausência de libido, mas pelo alvo de seu investimento.

No domínio da escolha objetal, Freud (1914/2006e) denomina aquela vinculada à alimentação, cuidado e proteção de *anaclítica* ou de *ligação* e *narcísica* aquela que tem como modelo “seus próprios eus” (FREUD, 1914/2006e, p.94), na qual a pessoa procura a si mesma como objeto de amor. Ao presumir que os tipos de escolha – anaclítica e narcisista – coexistem, ele confirma “a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal” (ibid., p.95). Com efeito, a

investigação em torno do conceito do narcisismo se aproxima, gradualmente, de uma condição universal devido à sua enorme influência na vida erótica.

Atrelado ao conceito de narcisismo, o ideal do Eu é desenvolvido na terceira parte do artigo de 1914. Primeiramente, devemos lembrar que o recalque é um destino possível para uma pulsão sexual que, em conflito com as ideias culturais e éticas, não consegue se satisfazer diretamente (FREUD, 1914/2006e). Apoiado no recalque, um ideal é fixado. Este, por meio de um agente psíquico especial, procura obter uma satisfação narcísica através de uma avaliação severa do Eu. Essa medição se estabelece pois, ao se afastar do narcisismo primário durante o processo de desenvolvimento do Eu, ocorre uma tentativa rigorosa de recuperar o estado de onipotência e perfeição perdidos. Discorre-nos Freud (1914/2006e) que o narcisismo do indivíduo surge deslocado, buscando alcançar o Eu ideal que, outrora, fora desfrutado durante a infância – período em que o Eu real coincidia com o Eu ideal, alvo do amor de si mesmo sustentado pelo narcisismo primário. A fixação desse ideal, produto do recalque, permite uma cruel comparação que coloca o Eu constantemente aquém das exigências impostas a ele. Em suas palavras, Freud (1914/2006e) atesta que “o que ele projeta diante de si como sendo o seu ideal é o substituto do narcisismo [primário] perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (ibid., p.101).

Freud reconhece esse agente psíquico especial como uma espécie de consciência observadora que busca avaliar constantemente o Eu real, cabendo a ele também supervisionar e criticar as intenções e ações de seu objeto. Com efeito, o ideal “aumenta as exigências do Eu, constituindo o fator mais poderoso a favor a repressão<sup>4</sup>” (ibid., p.101). Quanto à sua origem, Freud afirma que é produto da influência crítica dos pais que se somou aos que posteriormente, na esfera pública, fizeram parte da educação do indivíduo em sociedade.

### **Sessão 1.2 – A objetividade em evidência a partir da identificação**

Uma vez apresentados os conceitos de narcisismo e de ideal de Eu em *O Narcisismo* (1914/2006e), podemos seguir nossa investigação com o intuito de realizar pelo texto base *Luto e Melancolia* (1917/2006h) uma discussão que propõe, sobretudo, explorar na melancolia uma perda irreparável seguida de uma identificação radical com o objeto perdido como um mecanismo paradigmático para pensarmos a temática do suicídio. Seguindo atentamente o texto em questão, buscaremos esclarecer a distinção entre luto e melancolia, contemplando o estatuto da perda ou renúncia do objeto e suas consequências na esfera psíquica.

---

<sup>4</sup> Ler como *recalque*.

Traduzido pela palavra “luto” em português, o termo *trauer* em alemão pode significar tanto o afeto da dor como sua manifestação externa e ocorre devido a uma perda relativa a um objeto, seja um ente querido ou um conceito abstrato como a liberdade, por exemplo. O trabalho de luto consiste em retirar a libido do objeto perdido ou renunciado, pouco a pouco, até que o Eu possa direcioná-la a outro objeto. A melancolia, por sua vez, é uma disposição patológica referente a uma perda, que demanda interferência profissional para ser superada e contém exatamente os mesmos traços do quadro do luto, com exceção da perturbação da autoestima. Dessa forma, tanto o luto quanto a melancolia são marcados por um desânimo profundo, um rompimento de interesse e investimento no mundo externo e, conseqüentemente, nos objetos. O que marca, entretanto, a diferença crucial entre ambos é a autoestima, cuja perturbação observada pela diminuição extraordinária do sentimento de si está ausente no luto (FREUD, 1917/2006h).

Freud já havia pontuado em *O Narcisismo* alguns atributos importantes sobre a autoestima. Ao observar que a libido narcísica era colocada de lado, ele constatou que a autoestima dependeria intimamente da libido dirigida ao Eu, expressando o seu tamanho por esse mecanismo. A autoestima, então, se “alimenta” do que o Eu possui, do que foi realizado, do que sobrou de sua onipotência e de ser correspondido no amor.

é fácil observar que a catexia<sup>5</sup> objetal libidinal não eleva a auto-estima. A dependência ao objeto amado tem como efeito a redução daquele sentimento: uma pessoa apaixonada é humilde. Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele. Sob todos os aspectos, a auto-estima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor. (FREUD, 1914/2006e, p.105)

Por esta via, o rebaixamento da autoestima, expressado pelo sentimento de inferioridade, se evidencia pela radical retirada de investimento libidinal do Eu em prol do objeto. A diminuição é inevitável enquanto houver um investimento objetal amoroso. A inversão dessa situação só pode se dar a partir do esvaziamento da libido dirigida ao objeto e do redirecionamento dessa libido para si ou através do amor recebido pelo Eu enquanto objeto.

Retomando *Luto e Melancolia*, Freud indica que no processo melancólico ocorre “uma diminuição extraordinária de sua [do Eu] auto-estima” (FREUD, 1917/2006h, p.251), em conseqüência da qual o Eu se torna pobre e vazio. É imprescindível marcarmos que esse mecanismo coloca o Eu como “desprovido de valor” (ibid., p.251), impelindo-o a severas autorrecriminações e à necessidade de autopunição.

---

<sup>5</sup> Ler como *investimento*.

Ora, que tipo de perda se estabelece na melancolia, já que ela se apresenta de forma tão mais severa que a do luto? Freud reconhece que, diferentemente do luto, onde há uma perda relativa a um objeto, na melancolia há uma “perda de natureza mais ideal” (ibid., p.251) que “aponta para uma perda relativa a seu ego<sup>6</sup>” (ibid., p.253). No âmbito de sua investigação psicanalítica, alguns casos apontaram para uma ausência de perda real do objeto e, ainda, alguns onde não se pôde situar, conscientemente, o que foi perdido:

isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda (ibid., p.251).

Enquanto que no luto o teste de realidade mostra que o objeto não existe mais, permitindo que a libido do enlutado seja retirada de suas ligações com ele, o mecanismo melancólico revela uma perda desconhecida e retirada da consciência, responsável pelo seu quadro radical de inibição. No luto há uma perda de interesse no mundo, que se torna pobre e vazio, e seu processo é temporário, uma vez que as ligações com o objeto perdido são gradualmente retiradas. Findado o longo trabalho de luto, o Eu desinibido pode reinvestir nos objetos substitutivos. Já o empobrecimento do Eu na melancolia marca uma posição de desprezo, exacerbada autocrítica e necessidade de punição que o consome e interfere drasticamente em suas ligações com o mundo.

Segundo Freud (1917/2006h), o investimento objetal na melancolia se mostrou frágil, pouco resistente ou marcado por uma forte fixação. Sobre a fixação, vale realizarmos uma pequena digressão com o intuito de retomar algumas noções acerca da supervalorização sexual e da idealização do objeto. Em *O Narcisismo* (1914/2006e), a idealização do objeto se dá quando ele é tratado da mesma forma que o Eu em sua faceta narcisista, ou seja: o objeto é engrandecido, exaltado e supervalorizado. Assim, o Eu pode transbordar grande parte da sua libido para o objeto idealizado. A supervalorização sexual, portanto, é produto do narcisismo original infantil e pode ser entendida como uma forma de transferência desse narcisismo para um objeto sexual. Decorrente das paixões do Eu por seus objetos de amor, a supervalorização pode ser capaz de empobrecer o Eu em favor deles. Em *Psicologia das Massas*, Freud (1921/2006k) acrescenta que a supervalorização sexual do objeto idealizado ocorre por que julgamos o objeto como uma espécie de sucedâneo do ideal do Eu de nós mesmos. Em outros termos, a busca pela perfeição do objeto consiste em uma busca pela perfeição do Eu, só que

---

<sup>6</sup> Ler *Eu*.

feita de uma forma indireta. Todavia, o objeto acaba por consumir o Eu na medida em que ele é hiper investido. É importante destacarmos que, enquanto o ideal diz respeito ao Eu, a idealização é um processo que se refere ao objeto.

Após essa breve digressão, voltemos ao tema da melancolia. No âmbito da relação do Eu com o objeto, a metade afastada, exilada, arrancada, amputada<sup>7</sup> do Eu consumido e empobrecido revela um processo que abre questionamentos acerca do processo que está em jogo na melancolia. Em consequência da perda, essa de natureza mais ideal e inconsciente, ocorre um processo de cisão do Eu. Aponta-nos Freud que “uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (FREUD, 1917/2006h, p.253). Ele destaca a independência de um agente crítico (ou agente especial), comumente definido como consciência que, como podemos lembrar, possui as mesmas funções do que ele desenvolveu, ainda que de forma germinal, em 1914 com o conceito de ideal. Em 1921, no texto *Psicologia das Massas*, Freud (2006k) atualiza o processo dessa cisão própria do mecanismo melancólico cunhando essa parte diferenciada do Eu de Ideal do Eu. Assim sendo, observamos que a perturbação da autoestima presente no quadro melancólico, atrelada ao elemento narcisista do amor, ocorre devido ao ataque feroz do ideal do Eu sobre o Eu, que é tomado como objeto a ser observado, medido e punido:

Ele [o ideal] é o herdeiro do narcisismo original em que o Eu infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao Eu, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio Eu, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de Eu que se diferenciou do Eu. (FREUD, 1921/2006k, p.119).

A respeito das violentas auto recriminações do ideal do Eu presentes no mecanismo melancólico, Freud revela uma chave do quadro clínico fruto das suas minuciosas investigações psicanalíticas. Frequentemente, observou-se que as críticas dirigidas ao Eu não se aplicavam ao paciente, mas a outrem: “a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar” (FREUD, 1917/2006g, p.253). Com efeito, “percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o Eu do próprio paciente” (ibid., p.254). Doravante, Freud compõe quatro etapas para o processo melancólico: a) há uma ligação de libido a um objeto escolhido; b) um desapontamento ou uma desconsideração ocorre e a relação é rompida; c) no lugar de retirar a libido do objeto amoroso perdido e deslocá-la a outro, a libido livre regressa para o Eu e, por último; **d) ocorre, então, uma identificação do Eu com o objeto perdido.** Aqui, o conceito da identificação é norteador, já que oferece de

---

<sup>7</sup> Referência à canção de Chico Buarque “Pedaço de mim”.

maneira germinal uma via de compreensão de uma dimensão objetal no Eu a partir da melancolia.

Na melancolia, trata-se de uma identificação que eclipsou o Eu, na medida em que “a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado” (ibid., p.254-255). Com efeito, seu mecanismo revela uma dimensão objetal do Eu através da identificação com um objeto de perda não específico e inassimilável à consciência, uma vez que a parcela do Eu identificada ao objeto será então julgada pela outra, definida pela instância crítica. Notamos que o Eu, apagado/eclipsado pela sombra, é atacado cruelmente devido à ambivalência própria da identificação, que outrora permeava a relação do Eu com o objeto.

As etapas “a”, “b” e “c” descritas anteriormente mostram-se similares – senão iguais – ao mecanismo do luto. Entretanto, podemos afirmar que a última etapa do luto se define pelo redirecionamento da libido do Eu para os objetos do mundo externo. Na melancolia, contudo, sua etapa final marca uma distinção. A chave do quadro clínico oferece uma perspectiva significativa que revela uma condição objetal do Eu em que, se fazendo de objeto, pode ser digno de amor ou de ódio, através dos julgamentos críticos do agente especial ou ideal do Eu. Em outros termos, uma vez identificado radicalmente com o objeto perdido, os sentimentos de amor e ódio que permeavam a relação passam a ser dirigidos à parcela do Eu identificada. Resta ao agente crítico, portanto, atacar essa parcela de forma cruel e hostil. Sobre a ambivalência e a identificação – conceitos capitais para a discussão acerca da melancolia e da auto aniquilação –, julgamos pertinente explorar os textos *Pulsões e Seus Destinos* (1915/2006f) e *Psicologia das Massas* (1921/2006k), por oferecerem importantes subsídios teóricos para a nossa investigação.

### **Sessão 1.3: A introjeção do objeto digno de amor e ódio**

O conceito da ambivalência, discutido por Freud (1915/2006f) no texto *Pulsões e Seus Destinos*, consiste em um destino da pulsão sexual que altera seu conteúdo. A ambivalência, atrelada ao conceito de identificação, é um elemento predominante na relação eu-objeto e determinante do mecanismo melancólico. Sobre os sentimentos de amor e ódio, Freud afirma ser “particularmente comum encontrar ambos dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto” e que “sua coexistência oferece o exemplo mais importante de ambivalência de sentimento” (FREUD, 1915/2006f, p.138). Essa direção mútua dos sentimentos de amor e ódio a um objeto

é um ponto que permite compreender o penoso quadro clínico que se estabelece na melancolia pela radical hostilidade dirigida ao Eu identificado.<sup>8</sup>

Freud (1915/2006f), tateando sobre a temática da ambivalência, indica que a oposição amar-odiar atinge seu desenvolvimento a partir da aparição do objeto, cuja função é fazer operar a polaridade prazer-desprazer. Antes da aparição do objeto e sua consequente perturbação, o Eu real coincidia com o Eu ideal e, portanto, com o prazer, com o que é agradável<sup>9</sup>. O mundo externo é investido pelo Eu, como dissemos acima, a partir do ultrapassamento do narcisismo devido ao desprazer ocasionado pelo acúmulo de libido no Eu. Outrora, a relação com o mundo externo se mostrara indiferente ou até desprazerosa. Sobre essas primeiras experiências com os objetos, Freud atesta que o Eu os “toma para si próprio, os introjeta (...) e, por outro lado, expelle o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer” (ibid., p.140-141). Com efeito, ele esclarece:

Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urges*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do Eu e incorporá-lo ao Eu. Falamos da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urges*) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o Eu. (ibid., p.141-42)

Se partirmos da ideia de que o amor e o ódio podem ser dirigidos ao mesmo objeto, entendemos que tanto a ânsia de aproximá-lo quanto a de distanciá-lo coexistem. Ademais, o ódio dirigido a esse objeto pode se intensificar a ponto de fazer com que o Eu tenha a intenção de destruí-lo, o que Freud (1915/2006f) chamou de **inclinação agressiva**. A agressividade tem um espaço fundamental, pois introduz a noção de sadismo, expressão da pulsão de morte.

Essas considerações a respeito da ambivalência e da introjeção são capitais para detalharmos a identificação que se estabelece entre o Eu e o objeto perdido no mecanismo melancólico em *Luto e Melancolia* (1917/2006h). Neste texto, Freud indica que a melancolia desvela uma espécie de regressão na qual a escolha objetual retorna a uma etapa preliminar e ambivalente em que o **Eu deseja incorporar o objeto**. A identificação na melancolia, portanto, se faz pela introjeção do objeto. Sugerimos que isso pode esclarecer a metáfora da sombra que eclipsa o Eu, uma vez que tal identificação totalizadora e radical acaba por superpor o objeto ao Eu. Visto isso, retomemos agora a última etapa do mecanismo melancólico, na qual ocorre a identificação do Eu com o objeto perdido. Ao invés de direcionar a libido narcísica para o

---

<sup>8</sup> Essa espécie de fusão de elementos de amor e ódio será por nós explorada a partir da segunda tópica freudiana em *O Eu e o Isso* (1923/2006k).

<sup>9</sup> Cunhado por Freud (1915/2006f) de “Eu do prazer purificado”.

mundo externo, o melancólico abre mão dessa escolha objetual e opta pela identificação com o objeto perdido. Essa substituição da escolha objetual pela identificação foi mais bem desenvolvida em 1921, em *Psicologia das Massas*, através da identificação regressiva, que ressalta o estabelecimento de “uma identificação do ego<sup>10</sup> com o objeto abandonado” (ibid., p.254).

Por comportar-se como um derivado da fase oral (ou canibalesca), Freud (1921/2006k) define o conceito de identificação como a mais remota expressão de um laço emocional. Trata-se, também, de uma relação marcada desde o início pela ambivalência: “ela pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém” (FREUD, 1921/2006k, p.115). Ademais, a identificação também possui um papel fundamental para moldar o Eu, já que ele se identificará com os primeiros objetos de amor e os tomará como modelos. Freud (1921/2006k) demarca três tipos de identificação: a) a que constitui a forma original de laço emocional com o objeto no complexo de Édipo (de ser como a figura parental); b) a identificação regressiva; c) uma identificação que deixa inteiramente de fora qualquer relação objetual com aquele que foi copiado. Buscamos esmiuçar o segundo tipo de identificação, pois denuncia uma forma de preservar o objeto no Eu e também representa a forma mais comum de vinculação do Eu com os objetos de amor. Quando a identificação aparece no lugar da escolha de objeto, tendemos a afirmar que a escolha de objeto regrediu para a identificação, ou seja, assumiu características desse objeto. A identificação regressiva é parcial e, por isso, limitada: toma-se apenas um traço isolado da pessoa que é seu objeto.

Vimos que a introjeção é uma forma primeira de manifestação do amor marcada pela aproximação (canibalização) do objeto causador de prazer. O que não é introjetado é aquilo que para o Eu geraria desprazer, portanto, é distanciado e, por vezes, destruído. Com efeito, a articulação entre introjeção e identificação regressiva se evidencia pela tentativa de preservar uma totalidade do objeto perdido através da sua canibalização.

Freud (1921/2006k) explicita dois casos de identificação por introjeção. Em um deles, uma criança que havia perdido recentemente seu gatinho, consternada pela perda, “declarou francamente que ela agora era o gatinho e, por conseguinte, andava de quatro, não comia à mesa etc.” (ibid., p.118). No outro, sobre a melancolia, “a introjeção do objeto é inequivocamente clara” (ibid., p.119), reafirmando um estatuto peculiar no âmbito desta identificação que evoca, de forma ambivalente, uma relação de canibalização e destruição do objeto. Como uma possível leitura, cremos que a identificação regressiva por introjeção denuncia uma radicalidade do

---

<sup>10</sup> Ler *Eu*.

mecanismo melancólico, no qual o objeto se sobrepõe ao Eu, digno do sentimento de ódio. Desse modo, a ambivalência própria à identificação regressiva por introjeção parece apenas se somar às autodepreciações aplicadas ao Eu pelo ideal do Eu, tornando o quadro tão penoso e perturbador.

A respeito da identificação, julgamos necessário seguir a cronologia da obra freudiana e destacar algumas noções elaboradas no texto de 1923, *O Eu e o Isso*. Nele, Freud (1923/2006l) torna mais evidente a importância da identificação regressiva para a constituição e o desenvolvimento do Eu e, portanto, o fato de que a identificação regressiva é mais comum do que se esperava. Nesse texto, Freud (1923/2006l) retorna à temática da melancolia que, como abordamos, consiste em um processo no qual o objeto perdido realiza uma alteração no Eu devido a uma substituição do investimento objetual pela identificação por introjeção. Sua investigação revelou que essa substituição **não se restringe à melancolia**, já que a tentativa de erigir o objeto (não necessariamente perdido) para dentro do Eu mostrou-se presente em outros casos observados. Por conta disso, Freud postula que “nessa ocasião, contudo, não apreciamos a significação plena desse processo e não sabíamos o quão **comum e típico ele é**” (FREUD, 1923/2006l, p.41, [grifo nosso]). Essa significativa observação afasta, ainda mais, o processo melancólico de um viés exclusivamente patológico, ampliando-o a um estatuto mais estrutural do psiquismo. Ademais, Freud indica que a substituição pela identificação contribui para a constituição do Eu, ou seja, “torna possível supor que o caráter do ego<sup>11</sup> é um precipitado de catexias<sup>12</sup> objetuais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (ibid., p.42). Freud busca ressaltar que a dialética ser-ter, através da identificação e do investimento objetual, não deixa de bascular entre seus polos, tendo em vista que um pode substituir o outro – como foi observado a partir da melancolia pela identificação regressiva por incorporação.

#### **Sessão 1.4: O objeto triunfa e o Eu se deixa morrer: o enigma do suicídio**

A chave do quadro clínico da melancolia oferece uma pista importante, pois é através da identificação com o objeto perdido que o Eu pode ser tratado como objeto julgado e hostilizado pelo ideal do Eu. Percebemos que, cada vez mais, Freud vai aproximando o Eu a uma tendência autodestrutiva que, naturalmente, coloca em xeque a função de autopreservação. O caráter hostil sustentado primeiramente pelo sentimento de ódio proveniente da ambivalência, por conta das expressões da pulsão de morte, terá outro espaço na teoria freudiana

---

<sup>11</sup> Ler *Eu*.

<sup>12</sup> Ler *investimentos*.

a partir da formulação da segunda tópica. Resgatamos o conceito da parte diferenciada do Eu que o mede e vigia cruelmente para compreendermos as influências hostis e sádicas colocadas para o Eu identificado ao objeto perdido que, em última ordem, poderiam levá-lo à autodestruição. Ao se debruçar sobre as tendências destrutivas direcionadas ao Eu, Freud aponta que é “exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa” (FREUD, 1917/2006h, p.257). O enigma surge da impossibilidade de compreensão da própria destruição, obstáculo com o qual Freud vinha se deparando ao longo de sua investigação.

Ele indica que o auto aniquilamento está presente na vida psíquica, mas não separado do aniquilamento do outro. Ora, como que o neurótico ou o melancólico podem levar a cabo esse propósito? A respeito da melancolia, Freud estabeleceu que o **Eu só pode se matar se, devido à libido narcísica, puder tratar a si como um objeto.** Ou seja, se for possível, **pela identificação, dirigir contra si a hostilidade e o sadismo que outrora se direcionavam ao objeto.** Em outros termos, **no suicídio o objeto “se revelou mais poderoso que o próprio Eu”** (ibid., p.257, [grifo nosso]).

Vimos que o ideal do Eu tem um papel predominante na melancolia. Uma vez que o Eu cinde, uma parte toma suas funções e ataca a parcela do Eu identificado com o objeto perdido, digno de ódio e depreciação. A partir da segunda tópica, o conceito de Ideal do Eu passou a ter um papel determinante na vida psíquica, sendo assim designado como Supereu. Para tanto, Freud afirma:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado do Eu, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de uma maneira. Esta modificação do Eu retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do Eu como um ideal do Eu ou Supereu. (FREUD, 1923/2006l, p.46-47).

O ideal do Eu – ou Supereu – representa as relações parentais, a moralidade e o senso social. Ademais, é considerado o herdeiro do complexo de Édipo, pois é o produto da identificação parental que constituiu uma alteração no Eu, bem como sua independência. Essa instância psíquica é fruto de uma formação reativa que se estabeleceu contra os impulsos do Isso. Representa o desejo de ser como a figura paterna, objeto de amor mas, em contrapartida – com o golpe do recalque e os diques psíquicos que daí se fortalecem –, representa também a impossibilidade de sê-lo. O ideal do Eu ou Supereu manifesta-se dubiamente, já que compõe os mais poderosos impulsos do Isso: “erigindo esse ideal de ego<sup>13</sup>, o ego dominou o complexo

---

<sup>13</sup> Ler *Eu*.

de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id<sup>14</sup>” (ibid., p.49). Sua dominação sobre o Eu, sob a forma de uma “consciência” ou um sentimento de culpa, manifesta-se de maneira hostil e punitiva. Enquanto o Eu representa o mundo externo, o Supereu representa o mundo interno que irá, na forma de uma autoridade, satisfazer sua hostilidade contra o Eu. Desta maneira, os conflitos entre o Eu e o Supereu irão revelar os contrastes desses dois mundos. A tensão produzirá o sentimento de culpa e os sentimentos de inferioridade tão presentes para os neuróticos e, também, no quadro melancólico, a necessidade de autopunição severa. Sobre a melancolia, Freud demonstra que o Eu do melancólico, apagado pela identificação, não arrisca fazer qualquer tipo de objeção aos imperativos violentos do Supereu, sucumbindo às punições dessa instância:

Na neurose obsessiva, o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do Eu, enquanto que **na melancolia o objeto a que a ira do Supereu se aplica foi incluído ao Eu mediante identificação.** (ibid., p.64, [grifo nosso]).

Por mais que Freud tenha se ocupado em diferenciar a melancolia da neurose, sua investigação revelou que parte do mecanismo melancólico não se limita a uma ordem patológica e pode ser muito mais comum do que previsto anteriormente. Trata-se do mecanismo da identificação regressiva, que evidencia a impossibilidade de ter o objeto, restando ao Eu tentar sê-lo, preservá-lo, erigi-lo novamente dentro de si mesmo. Observamos as consequências de ser esse objeto, visto que expressões hostis serão predominantes nesse processo. Ao definir o Supereu como uma instância que irá se apossar do elemento sádico, que poderia explicar o cunho enigmático do auto aniquilamento no caso clínico da melancolia, Freud adverte:

Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o **superego<sup>15</sup> excessivamente forte** que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa, como se tivesse se apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço. (ibid., p.65, [grifo nosso])

Observamos que o Supereu se apossa de um sadismo, componente destrutivo da pulsão de morte que acossa o Eu e o impulsiona à morte. Freud noa indica que, não tão distante do tormento melancólico, o neurótico também “dá um passo para a autodestruição” (ibid., p.66). Os impulsos amorosos do neurótico podem regredir a uma ambivalência proveniente da organização pré-genital e se transformarem em impulsos agressivos contra o objeto elegido, ocorrendo uma “real substituição do amor pelo ódio” (ibid., p. 66). O instinto de destruição revela sua ânsia inconsciente de aniquilar o objeto, enquanto que o Eu luta contra esse

---

<sup>14</sup> Ler *Isso*.

<sup>15</sup> Ler *Supereu*.

movimento com “formações reativas e medidas precautórias” (ibid., p.66). Destarte, o **Supereu pune o Eu** como se ele fosse o responsável pela destruição sádica contra o objeto:

Impotente em ambas as direções, o Eu se defende em vão, tanto das instigações do id assassino quanto das censuras da consciência punitiva. Ele consegue manter sob controle pelo menos as ações mais brutais de ambos os lados; o primeiro resultado é um auto suplício interminável, e eventualmente segue-se uma tortura sistemática do objeto, na medida em que este estiver ao alcance (ibid., p.66).

Ao final, vemos o Eu como “uma pobre criatura que deve serviços a três senhores e, conseqüentemente, é ameaçado por três perigos: o mundo externo, os impulsos do Isso e a severidade do Supereu” (ibid., p.68). Todavia, não devemos tomá-lo como imparcial: sobre o Eu, Freud afirma que

mediante seu trabalho de **identificação** e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id<sup>16</sup> a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de **tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer**. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; tornar-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado (ibid., p.69, [grifo nosso]).

Uma vez atacado violentamente pelo Supereu, o Eu pode vir a sucumbir, “ser esmagado ou aniquilado” (ibid., p.69). Freud realça que o Eu, ao se encontrar desertado pelas suas forças protetoras, “**se deixa morrer**”<sup>17</sup> (ibid., p.70). No âmbito pulsional, afirma que a pulsão de morte se expressa de maneiras distintas: ela se funde a componentes eróticos, podendo se desviar para o mundo externo através de impulsos agressivos ou se manter internamente. A partir disso, ele se pergunta: “como é que na melancolia o Supereu pode tornar-se uma espécie de lugar de reunião para os instintos de morte?” (ibid., p.66). Freud, então, postula que na melancolia “o ego<sup>18</sup>, tendo ganho controle sobre a libido por meio da identificação, é punido pelo superego<sup>19</sup> por assim proceder, mediante a instrumentalidade da agressividade que estava mesclada com a libido” (ibid., p.67). Observamos, novamente, a importância da última etapa do mecanismo melancólico – a identificação regressiva por introjeção – para a compreensão de seu penoso quadro clínico. Pois, se fazendo objeto, os elementos hostis mesclados com a libido se dirigem conjuntamente à parcela do Eu identificado. Ademais, essa mescla da agressividade com a libido tem um papel importante na teoria freudiana, por se tratar de uma coexistência de

---

<sup>16</sup> Ler *Isso*.

<sup>17</sup> Este é um apontamento interessante, pois traremos uma noção próxima a esse termo quando estivermos discutindo sobre a expressão “deixar-se cair” (*laisser tomber* ou *niederkommen lassen*) como correlatos essenciais da passagem ao ato e, em especial, da tentativa de suicídio.

<sup>18</sup> Ler *Eu*.

<sup>19</sup> Ler *Supereu*.

amor e ódio, vida e morte, respectivamente. Sobre isso, Freud aponta em *O Mal Estar na Civilização*:

os dois tipos de instinto raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muitos diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento. (FREUD, 1930/2006n, p.123)

Apresentamos, inicialmente, que o amor e o ódio, muitas vezes, aparecem misturados e dirigidos a um mesmo objeto. Uma vez avançada e atualizada a teoria pulsional freudiana, é necessário elencarmos algumas outras ideias que contemplam essa mescla para situarmos o conceito de **sadismo**, já que, como veremos na próxima sessão, ele soluciona o enigma do suicídio. Em *O Eu e o Isso* (1923/2006l), o sadismo é um exemplo de fusão pulsional, pois se trata de uma pulsão sexual voltada para a destruição do objeto sexual. Freud observa que “o instinto de destruição é habitualmente colocado a serviço de Eros” (FREUD, 1923/2006l, p.54). Sobre as pulsões de vida e de morte, correlatos da polaridade amor-ódio, Freud discorre:

Ora, a observação clínica demonstra não apenas que o amor, com inesperada regularidade, se faz acompanhar pelo ódio (ambivalência), e que, nos relacionamentos humanos, o ódio é frequentemente um precursor do amor, mas também que, num certo número de circunstâncias, o ódio se transforma em amor e o amor em ódio. (ibid., p.55).

Cabe-nos analisar ainda, em *O Eu e o Isso* (1923/2006l), as dependências do Eu com o Isso, reservatório das pulsões, extraindo daí mais recursos teóricos que sustentam uma dimensão objetal do Eu. Adverte-nos Freud (1923/2006l) que a preservação do objeto no Eu pela identificação pode ser uma maneira pela qual ele procura obter controle do Isso. Todavia, o Eu fica sujeito ao Isso e às suas imensas exigências já que, ao **assumir características do objeto**, “ele está se forçando, por assim dizer, ao Isso como um objeto de amor e tentando compensar a perda do Isso, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar, sou semelhante ao objeto’” (ibid., p.43). Com efeito, ao absorver parcialmente o objeto para conservar algumas de suas qualidades, o Eu **se faz** objeto de amor do Isso mas, em contrapartida, devemos lembrar que, assim como o amor, o ódio também é um sentimento que pode predominar nas ligações libidinais. Assim sendo, o ódio e os desejos de morte que outrora se dirigiam ao objeto recaem sobre o Eu identificado. Esse processo revela uma atividade do Eu na qual ele faz-se objeto de ódio. Sobre essa atividade do Eu em se fazer objeto alvo de amor, mas também de ódio, julgamos necessário resgatar o que fora desenvolvido sobre o sadismo e o masoquismo e seus três tempos gramaticais.

Freud constrói três tempos para o destino da pulsão sexual, onde “um sujeito e um objeto podem ser agentes e pacientes de uma ação verbal” (BRUNHARI, 2017, p.90). O destino que contempla a reversão em seu oposto é definido por dois processos diferentes: pela finalidade, onde ocorre uma mudança da atividade para a passividade, e pelo conteúdo, transformando o amor em ódio. Sobre o primeiro, Freud (1915/2006f) delimita os seguintes tempos: a) o sadismo, ou seja, a violência ou poder é dirigido a outra pessoa como objeto; b) esse objeto é abandonando e há um retorno do sadismo em direção ao Eu junto a uma mudança de finalidade de ativa para uma passiva; c) outro objeto é procurado e deve assumir o papel de agente, marcando a fase masoquista. Ademais, adverte-nos que “o desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo. A voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média” (FREUD, 1915/2006f, p.133).

Partindo dessas premissas, infligir dor ao objeto seria uma forma de satisfazer tanto um sadismo sobre o objeto, despejando a hostilidade e o ódio sentido por este, quanto uma condição autopunitiva, se levarmos em questão que o agente da ação se identifica ao objeto subjugado, digno de ser abusado. Em suma, quando o agente sádico inflige dor ao objeto, ele satisfaz uma autopunição, já que está identificado com tal objeto.

Ao analisar a tentativa de suicídio da jovem homossexual (1920/2006j), caso publicado no mesmo ano de *Além do Princípio do Prazer* (1920/2006i), Freud explica o enigma do suicídio através da seguinte assertiva:

É provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, **esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou** e, em segundo lugar, **voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem**. (FREUD, 1920/2006j, p.174, [grifo nosso])

Este ponto nos é caro pois evidencia a importância do conceito da identificação e do se fazer (voz reflexiva média) objeto das expressões da pulsão de morte – como o sadismo – aplicadas pelo Supereu como elementos determinantes para investigar a temática do suicídio. Ademais, a identificação melancólica revelou que infligir dor ao objeto satisfaz tanto o sadismo dirigido a ele quanto uma condição autopunitiva de ser subjugado e abusado. Dessa maneira, constatamos uma dupla vicissitude do investimento erótico, em que parte retrocede à **identificação** – evidenciada pelo se fazer objeto do outro, digno de ser subjugado – e outra, sob o conflito da **ambivalência** presente na identificação, remonta à etapa do **sadismo** que irá maltratar a parte do Eu identificada (FREUD, 1917/2006h).

No texto *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930/2006n) confessa ter observado uma predominância da hostilidade, da falta de consideração, dos danos, dos escarnecimentos, dos

insultos, das calúnias, do poder e dominância, revelando aí uma “**poderosa quota de agressividade**” (FREUD, 1930/2006n, p.116, [grifo nosso]). Sobre isso, ele assevera:

o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-los sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (ibid., p. 116).

Ao se debruçar sobre os obstáculos que se impõem contra a civilização, Freud aponta para a **inclinação para a agressão** como principal barreira, tendo em vista sua potência ameaçadora e perturbadora aos laços sociais. Por mais que as leis, o pacto social e as renúncias pulsionais se coloquem a favor da união entre semelhantes na tentativa de impedir a violência, essa prevalece: não se erradica o mal<sup>20</sup>. Segundo Freud (1930/2006n), seria impossível erradicar o mal por se tratar de algo da ordem da pulsão, pois, “evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão” (ibid., p.118). Ele propõe que encaremos os impulsos hostis e destrutivos no âmbito pulsional. Sendo assim, sua finalidade seria a de satisfazer-se através dos objetos externos, instrumentos por onde a pulsão atravessa. Sobre o objeto, esse instrumento variável que pode estar no corpo ou fora dele e servir para a satisfação de várias pulsões, Freud afirma:

Nesse caso, os objetos eram assim relegados a uma posição de importância não mais que secundária, tal como, no caso que estamos agora debatendo, são os caminhos de descarga. (ibid., p.58).

Freud (1930/2006n) reconhece que “um instinto agressivo, especial e independente, significa uma alteração da teoria psicanalítica dos instintos” (FREUD, 1930/2006n, p.121). Para tanto, consolida uma atualização da sua teoria pulsional, definindo-a pelo conflito entre a vida, representada pelas pulsões que desejam prolongá-la e unir-se sexualmente a outros objetos, e a morte, como pulsões dessexualizadas que visam a destruição, seja ela para fora ou para dentro do Eu. Ratifica que esses dois grupos pulsionais não aparecem isolados, mas se fundem – tal como analisamos pelo conceito da ambivalência dirigida a um objeto –, compondo sentimentos de amor e o ódio mesclados. Sobre esse impulso de destruição voltado para fora e/ou para dentro:

o próprio instinto<sup>21</sup> [de agressividade e destrutividade] podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir seu próprio eu (*self*). Inversamente, qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a **umentar a autodestruição**, a qual, em todo e qualquer caso, prossegue. (ibid., p.123, [grifo nosso])

---

<sup>20</sup> Referência ao ensaio *Reflexões para os tempos de guerra e morte* onde Freud (1915/2006g) adverte: “não existe ‘erradicação’ do mal” (p.290).

<sup>21</sup> Leia-se como *pulsão*.

Outra vez, percebemos que o Eu não sai ileso, por mais que tente afastar de si o elemento agressivo dirigindo-o para fora. De uma forma ou de outra, o instinto agressivo se manifesta, pois, situado no campo pulsional, busca sua satisfação, seja dirigindo-se ao Eu, ao objeto externo ou, sobretudo, ao Eu identificado ao objeto. De todo modo, tanto a interiorização quanto a exteriorização do instinto agressivo têm como consequência o ataque cruel do Supereu, que responsabiliza o Eu pelas “instigações do id<sup>22</sup> assassino” (FREUD, 1923/2006l, p.66). Ademais, “cada agressão de cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo Supereu e aumenta a agressividade deste (contra o Eu)” (FREUD, 1930/2006n, p.132), pois, se tratando de uma autoridade interna, não é necessário que se realize um ato agressivo, mas simplesmente imagine fazê-lo. Em suma, podemos destacar dois pontos fundamentais que foram por nós contemplados para pensar a temática do suicídio: 1) a identificação como determinante para que o Eu se faça de objeto; 2) a agressividade/destrutividade, expressões da pulsão de morte não erradicáveis, aplicadas pelo Supereu fazendo do Eu seu objeto.

---

<sup>22</sup> Ler *Isso*.

## CAPÍTULO 2 - Dimensão objetal do sujeito em Lacan (1962-63)

### Sessão 2.1: A queda (*niederfallen*) do objeto *a* e o lançamento do sujeito para o que ele é de libra de carne

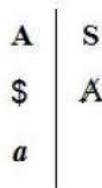


Figura 1. Primeiro esquema da divisão

Fonte: Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.36.

No seminário 10 – a angústia, Lacan (1962-63/2005) apresenta o primeiro esquema da divisão. A análise desse esquema torna-se necessária na presente investigação, já que representa o advento de um sujeito barrado e sua estreita ligação com o objeto pequeno *a*, **revelando que a objetividade do sujeito lacaniano é estrutural**. Segundo Lacan (1962-63/2005),

ali onde vocês dizem Eu [*je*], é propriamente aí que, no nível do inconsciente, situa-se o *a*. Nesse nível, vocês são *a*, o objeto, e todos sabem que isso é que é intolerável, e não apenas no discurso, que afinal o trai. (p.117).

A operação demonstrada no esquema acima ilustra com a letra *a* o objeto – que escapa a definições no nível da objetividade – como o **resto irreduzível** de uma operação significativa. O processo de subjetivação em que o sujeito se situa, no lado do Outro, é garantido pela produção do **resíduo abominado** dessa operação. No lado direito, abaixo de (S), sujeito mítico, desconhecido e sem a intermediação do Outro, temos o *A* (Outro barrado), que constitui o lugar do sujeito como inconsciente. Do lado oposto, lugar do tesouro do significativo, está o Outro originário (A). Como término da operação, é no campo do significativo em que vemos emergir um sujeito alienado marcado pela barra (\$), sujeito “Outrificado”, e o pequeno *a* enquanto **sobra, libra de carne**<sup>23</sup> perdida da operação subjetiva e concernente à falta como tal, a saber, objeto estruturalmente análogo ao objeto perdido.

Lacan (1962-63/2005) denomina o objeto *a* como um objeto **irreduzível e inassimilável a um significativo, ausente de qualquer “significantização”**<sup>24</sup>. Quanto ao pequeno *a*, Lacan adverte: “é a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação com o Outro que ele [*a*] se constitui como resto” (ibid., p.128). Em outros termos, trata-se de um objeto da **queda**

<sup>23</sup> Referência à obra de William Shakespeare, “Mercador de Veneza”.

<sup>24</sup> Neologismo usado para designar o que escapa à existência do significativo.

(*niederfallen*), marcado pela sua **caducidade**: é esse objeto decaído que permite o acesso do sujeito ao campo da linguagem, ou seja, o advento do “único a que nossa experiência tem acesso” e que “constitui-se no lugar do Outro como marca significante” (ibid., p.129). Com efeito, o sujeito do qual podemos falar é aquele determinado pelo significante, que se situa em um campo da linguagem marcado pela separação de algo inassimilável à simbolização.

No âmbito do objeto, Lacan (1962-63/2005) distingue a objetividade, termo do pensamento científico ocidental, do que ele cunhou de objetividade, termo que se aplica à conceituação do objeto em questão, o pequeno *a*, por se tratar de um **corte** a nível significante, de algo que é **separado, sacrificado e isolado: a libra de carne**. Lacan indaga: “o que é o resto? É aquilo que sobrevive à provação da divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (ibid., p.243). A função de corte, de *separation*<sup>25</sup>, disso que cai de uma operação, resto da dialética do sujeito com o Outro, é essencial para o advento do sujeito barrado, da estruturação do desejo e sua íntima relação com a angústia,

que se expressa na fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante, e no advento de um resto em torno do qual gira o drama do desejo, drama este que permaneceria opaco para nós se não houvesse a angústia para nos permitir revelar seu sentido. (ibid., p.266).

Antes de adentrarmos a temática do desejo e, principalmente, da angústia (duas vertentes do objeto pequeno *a*), optamos por ressaltar dois axiomas lacanianos acerca do significante – que contemplam a ideia apresentada pelo esquema da divisão –, já que tratam da operação subjetiva da emergência do sujeito a partir do Outro e da necessidade de que algo seja perdido e escape à representação simbólica para que essa operação ocorra enquanto tal. Ademais, reforçamos que a operação que constitui o sujeito na linguagem, como efeito da articulação significante, é aquela que lança-o à sua própria condição objetual, levando em conta que nessa operação há um resto inassimilável e irreduzível ao significante, o objeto pequeno *a*, objeto da angústia e da causa de desejo.

O esquema da divisão nos possibilitou analisar que o sujeito (\$) é efeito de uma operação significante, ou seja, que ele advém de uma relação objetual com o Outro, campo ao qual ele se aliena. Para avançarmos nossa discussão acerca da objetividade, julgamos necessário trazer algumas considerações sobre o significante a partir das postulações lacanianas. Sem mais delongas, devemos partir de dois axiomas fundamentais: a) **o significante como tal não**

---

<sup>25</sup> Designa a cessão e separação do objeto no âmbito da relação com o Outro.

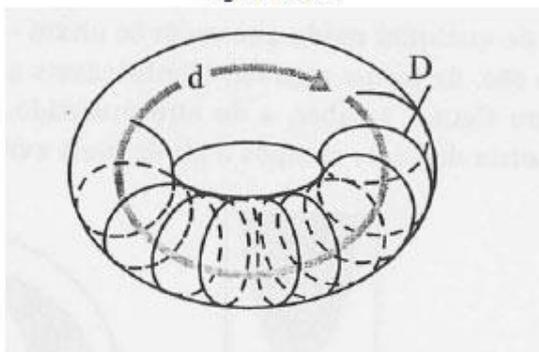
**representa a si mesmo ( $x \neq x$ ); b) o significante é o que representa um sujeito para outro significante.**

O significante é a marca da diferença, pois ele jamais pode repetir-se identicamente a si mesmo. Em outras palavras, o significante não é unívoco. No momento em que o S1, significante mestre, tenta se inscrever e se igualar a outro significante para lhe definir substância, o **equivoco** e o **engano** se apresentam radicalmente. Em suma, o significante não representa o sujeito em sua totalidade e o que evidenciamos no trabalho analítico é, justamente, o efeito disso a partir da experiência de repetição.

Os significantes fazem do mundo uma rede de traços em que a passagem de um ciclo a outro torna-se então possível. Isso quer dizer que o significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante, cuja relação essencial é que nele é possível enganar (ibid., p.87)

A repetição significativa pode ser ilustrada pela figura do toro. De antemão, devemos ressaltar que, para Lacan, o sujeito é necessariamente topológico. Não se trata, em hipótese alguma, da materialidade biológica, do organismo ou indivíduo, de um apelo ao ser, à essência, mas da materialidade da palavra (*materialisme*<sup>26</sup>). Versando sobre o campo da matemática, Lacan se apropria rigorosamente da topologia para o desenvolvimento de diversos conceitos capitais dentro de sua teoria. Para entendermos melhor os axiomas, escolhemos a figura do toro, cuja representação topológica é ela mesma a estrutura do sujeito determinado pelo significante em sua existência discursiva.

Figura 1. Toro.



Fonte: Lacan, 1961-1962/2003, p. 222.

A demanda (D) indica a própria estrutura da lógica significante cuja repetição incessante visa significar um significante univocamente. O sujeito “Outrificado” está alienado na divisão entre os significantes (S1-S2), a saber, entre aquilo que supostamente o significa (S1) e o campo da linguagem, da bateria significante (S2) que indica a impossibilidade dessa significação ser

<sup>26</sup> Neologismo que brinca com a palavra “materialismo” utilizando a palavra “*mot*” que quer dizer “palavra” em francês introduzido por Lacan na “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (1975).

unívoca. Efeito dessa operação onde se produz um resto (objeto pequeno *a*), o sujeito emerge no campo do Outro enquanto barrado/dividido entre os significantes S1-S2. Como dissemos, um significante jamais significa a si mesmo. A alienação no campo do Outro, campo da falta, é a consequência dessa impossibilidade que divide o sujeito. No âmbito da demanda, o sujeito irá cobrar que o Outro lhe confira substância/sentido. Entretanto, a lógica significante denuncia que a demanda apenas se transforma em outra demanda, atualizando a condição objetual do sujeito no campo da falta, da impotência do Outro. Como vimos anteriormente, através do primeiro esquema da divisão, o objeto *a* – objeto da falta – está no lado do campo do significante, a saber, no campo do Outro. Desse modo, o Outro não pode responder integralmente às demandas do sujeito, pois seu campo é marcado pela própria impotência da linguagem. Segundo Lacan (1962-63/2005), “esse Outro é conotado aqui como A barrado, por tratar-se do Outro no ponto em que ele se caracteriza como falta” (ibid., p.34).

Pela figura do toro, observamos que, ao traçar uma volta alienado na demanda (D) do Outro, o sujeito realiza uma segunda volta, a do desejo notada por (d). Com efeito, é pela insistência da demanda (D) que se constrói o contorno do desejo (d). Ademais, reparemos através da figura a seguir que, ao realizar as duas voltas (D) e (d), destaca-se um furo central onde se localiza o objeto pequeno *a*, objeto do desejo. É por ele que Lacan considera a existência do que é determinado, em última instância, por um contorno, cuja localização depende de uma borda. O objeto pequeno *a* aponta para o limite do significante, remetendo a algo da ordem do impossível, do que Lacan cunhou de Real, que ex-siste em relação ao simbólico. Dessa maneira, o objeto pequeno *a* localizado na cavidade central do toro é a marca indelével da divisão do sujeito, causa de seu desejo, mas também objeto da angústia, pois sua presença revela a inconsistência do campo do Outro. Determinado pela lógica significante, esse campo denuncia que quando um significante é convocado a significar, ele vacila, portanto:  $x \neq x$ .

Além da figura do toro, o “oito interior” demonstra, de forma ampliada, a lógica de uma única demanda (D). Podemos dizer que a estrutura do significante é análoga à do oito interior, pois o círculo produzido pela demanda (D) evidencia a impossibilidade de um significante representar a si mesmo, tornando a repetir-se incessantemente.



FIGURA 2. Série de demandas num toro: 1, 2, 3, n...

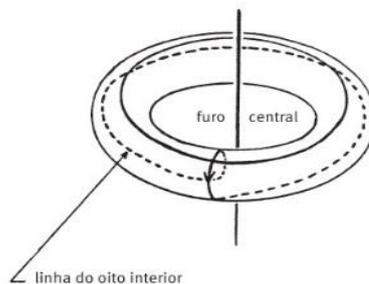
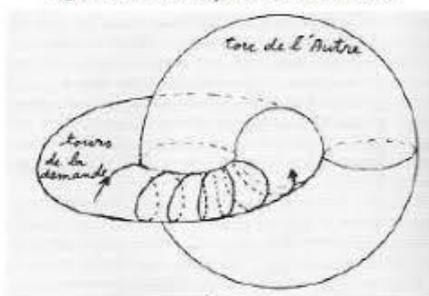


FIGURA 3. Oito interior ou épura da série de demandas no toro.

No tocante à relação do sujeito com o Outro, Lacan aponta um entrelaçamento de dois toros como representado na figura a seguir:

Figura 2. Toro do sujeito e toro do Outro.



Fonte: Lacan, 1961-1962/2003, p. 200.

A demanda do sujeito (D) atravessa o desejo (d) do Outro, assim como o círculo da demanda (D) do Outro adentra no desejo (d) do sujeito. Com efeito, este entrecruzamento demonstra que a demanda do Outro é o desejo do sujeito e o desejo do Outro é a demanda do sujeito: eles se encontram topologicamente no mesmo lugar. As inúmeras demandas que formam o círculo dependem da inconsistência do Outro que, marcado pela barra, não pode respondê-las senão pela sua falta. A insistência do significante aponta para a inevitabilidade de uma repetição.

No *Seminário 10 – a angústia*, Lacan formula uma “relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (ibid., p.14) onde a demanda é a capacidade de “transportar para o Outro a função do *a*” (ibid., p.62). Ora, de que maneira a demanda e o desejo se articulam com a função da angústia? No âmbito da demanda, estruturada pelo significante, não há como resolvê-la, pois, “há sempre um certo vazio a preservar” (ibid., p.76) e ela “tem sempre algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo” (ibid., p.76). O Outro é inconsistente (*A*), logo não pode se precaver contra a ausência, tampouco responder univocamente às demandas. Novamente destacamos: o sujeito barrado (*\$*), que emerge no campo do significante, possui uma relação com o Outro determinada pela falta. Portanto, resta ao sujeito transportar sua objetividade ao Outro, questionando e buscando respostas nesse campo inconsistente e enganoso.

No âmbito do desejo, Lacan introduz a angústia “como a manifestação específica do desejo do Outro” (ibid., p.169). Uma vez alienado no campo do Outro, o sujeito é capturado objetivamente através da pergunta que o lança<sup>27</sup> ao afeto da angústia: *Che Vuoi?*<sup>28</sup>. Trata-se de uma referência ao conto de Jacques Cazotte<sup>29</sup> em que o diabo é aquele que, no lugar do desejo, interroga o sujeito: “que queres?”. Ainda, através da fábula do louva-a-deus gigante, Lacan traça uma imagem que destaca uma experiência de indeterminação colocada ao sujeito, a saber, a impossibilidade de ver a própria imagem no globo ocular do inseto: que quer ele de mim? Que quer ele comigo? Que quer ele a respeito deste lugar do eu? Tanto o louva-a-deus gigante quanto o diabo de Cazotte buscam destacar o desejo do Outro e o lugar onde o sujeito se posiciona para respondê-lo. Em outros termos, “no caminho que condescende ao meu desejo, o que o Outro quer – **aquilo que ele quer, mesmo que não saiba em absoluto o que quer – é, no entanto, necessariamente minha angústia**” (ibid., p.199, [grifo nosso]). Segundo Lacan (2005):

O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque para mim não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto do meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser acoplando-o, atando-o a isto, o *\$*, que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal (p.32-33).

Observamos que a inconsistência do campo do Outro – esse que “se caracteriza como falta” (ibid., p.34) – aponta radicalmente para a objetividade do sujeito, para o que ele é de *a*,

---

<sup>27</sup> Lacan faz referência a um jogo de palavras com o *je* [Eu] de *jeter* [lançar].

<sup>28</sup> “Que queres?”

<sup>29</sup> *O diabo amoroso* (1772).

libra de carne. Pois, no plano do amor, em que o desejo é o pivô essencial, marca-se uma dialética que põe o sujeito a se oferecer como objeto de amor, mas que, ao fazê-lo, fica à mercê de uma captura/identificação como objeto resto da operação simbólica.

Versando sobre a questão da falta, devemos salientar que ela “só é apreensível por intermédio do simbólico” (ibid., p.147) ou, ainda, “que nada falta que não seja da ordem simbólica” (ibid., p.150). À vista disso, não se trata de uma falta que possa ser preenchida com essa “essa pecinha faltante, o a”, e sim de “uma falta que o símbolo não supre” (ibid., p.152). Lacan aproxima a função da falta a alguma coisa perdida que pode ser concebida como “um pedaço do corpo” (ibid., p.149). Observamos que esse corte no nível do corpo, pedaço cedido e separado (*separation*) é o “pequeno a, ou a libra de carne” (ibid., p.139), **que não se captura pelo significante e escapa à especularização**: “sempre há no corpo, em virtude desse engajamento na dialética significante, algo de separado, algo de sacrificado, algo de inerte, que é a **libra de carne**” (ibid., p.242). Brunhari (2017) assevera:

**Esse pedaço do corpo que sobra é a prova da divisão do sujeito não por si próprio, mas no campo do Outro.** Essa divisão delineia tanto o sujeito quanto o Outro como portadores de uma falta na medida em que esta operação tem uma sobra (p.144, [grifo nosso]).

Julgamos necessário nos debruçar sobre outras noções acerca do objeto *a* para nos aproximarmos, cada vez mais, do que pode comparecer como uma **perturbação extrema**, na medida em que o sujeito se vê lançado para sua objetividade quando ameaçado “**por alguma coisa que não deve aparecer**” (LACAN, 1962-63/2005, p.133, [grifo nosso]), a saber, o objeto *a* enquanto resto da operação simbólica, libra de carne. Desse modo, identificado ao objeto resto, ao que ele é de *a*, introduzimos a investigação acerca da passagem ao ato.

## **Sessão 2.2: Do triunfo à angústia: o objeto *a* é recortado da imagem**

Além dos “dois modos pelos quais o *a* pode aparecer na relação com o Outro” (ibid., p.153), Lacan aponta que no campo da posse existem dois tipos de objetos: os objetos partilháveis e os não partilháveis, indicando que o pequeno *a*, resíduo abominado pelo Outro, é um objeto distinto daquele constituído e reconhecido a partir da relação especular, objeto comum. Contudo, qualquer objeto reconhecível e intercambiável, de troca, possui o objeto *a* como pano de fundo, objeto não partilhável. Acerca destes objetos não partilháveis, portanto recortados da imagem, Lacan adverte:

Esses objetos, quando entram livremente no campo em que não têm nada a fazer, o da partilha, quando nele aparecem e se tornam reconhecíveis, têm a particularidade de seu status assinalada por nós pela angústia. Com efeito, são objetos anteriores à

constituição do status do objeto comum, comunicável, socializado. Eis do que se trata o *a*. (ibid., p.103)

Diferenciando o objeto pequeno *a* dos objetos especularizáveis, nossa discussão visa dar relevo à relação do sujeito barrado com o primeiro, não partilhável, resto de uma operação significativa que pode vir a atormentar o sujeito. Embora não busquemos aqui nos debruçar sobre o conceito da fantasia, devemos ressaltar algumas noções relacionadas a ela, tendo em vista que se trata de um recurso imaginário que busca mascarar o objeto e, por isso, faz suporte ao desejo. A fantasia notada pela fórmula “ $\$ \$ a$ ,  $\$$  desejo de *a*” (ibid., p.113) é estruturalmente essencial, já que veste o objeto “com o glamour, o brilho desejável” tornando-o “estimulante no nível da excitação” (ibid., p.105). Em outros termos, a fantasia representa uma defesa contra a angústia na medida em que visa encobri-la, mascará-la. Todavia, a “fantasia cai-lhe quase tão mal quanto polainas num coelho” (ibid., p.60) e a tentativa de enquadramento da angústia por essa via imaginária acaba denunciando a falibilidade de sua consistência, já que “esta consegue defendê-lo da angústia na medida em que é um *a* posição” (ibid., p.60-61). O véu que viria encobrir e mascarar o objeto pode cair e o seu aparecimento como resto causar o afeto da angústia no sujeito.

Destarte, introduzimos a representação gráfica do Estádio de Espelho, a saber, o Esquema Óptico demonstrado por Lacan (1962-63/2005) no *Seminário 10 – a angústia*, com o objetivo de apontar isso que comparece como inconsistente no nível da imagem. Julgamos necessário destacar a dimensão do furo que, como tal, é recortado da imagem. O **furo**, o **buraco**, a **mancha** na imagem são possibilidades de conceitualizar o objeto *a* enquanto esse objeto residual da operação subjetiva que, desnudo de suas vestes narcísicas, aponta para a insuficiência simbólica e imaginária revelando o que há de mais insuportável para o sujeito: sua condição objetal, o que ele é de *a*.

Apropriado da teoria freudiana, o Eu Ideal, imagem narcísica refletida pelo espelho e autenticada/ratificada pelo Outro, se sustenta apenas imaginariamente [i(a)]. Nosso objetivo ao trazer o esquema é analisar a possibilidade da queda da consistência imaginária, uma vez que uma desarticulação a nível especular perturba a relação do sujeito com o objeto *a*, resto abominado do Outro, tornando-o causador de angústia e impelindo o sujeito a resolvê-la.

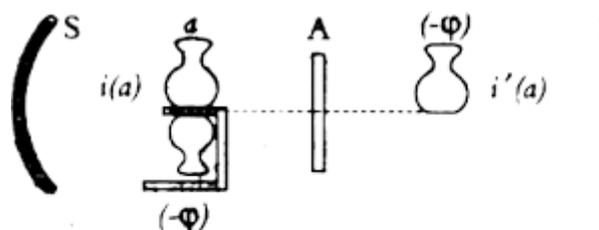
Ao longo das etapas de teorização acerca do objeto *a*, Lacan (1962-63/2005) remonta inúmeras vezes à relação especular como determinante para a constituição do sujeito no lugar do Outro e sua relação com o significante. A experiência do estádio de espelho permitiu que o sujeito, por intermédio do Outro, pudesse ser reconhecido pelo seu semelhante (outrinho)

assumindo uma imagem: “através da forma  $i(a)$ , a minha imagem, minha presença no Outro, não tem resto. Não consigo ver o que perco ali. É esse o sentido do estádio do espelho” (ibid., p.277). Trata-se de um apelo à substância, à consistência corporal, no qual a criança se precipita em uma imagem total de corpo – um eu ideal – promovendo uma manifestação de júbilo protetora da angústia do corpo despedaçado. Em suas palavras:

Essa imagem é fechada, encerrada, gestáltica, ou seja, marcada pela predominância de uma boa forma, o que é conta certa para nos pôr em guarda contra o que contém de armadilha essa função da *Gestalt*, tal como fundamentada na experiência característica desse campo, que é a da boa forma. (ibid., p.277)

No nível especular, procuramos destacar em que momento, na fascinação da totalidade da imagem, ela atesta que algo pode se apresentar como limite, como a derrota de seu momento triunfal em que o pequeno  $a$  perturba o que permanecia consistente imaginariamente. Com efeito, a incidência da imagem o mascara, mas não de maneira integral: o furo está nela. Lacan recorre às manchas, pintas e sinais para ilustrar o lugar do  $a$  como “aquilo que falta, é não especular, não é apreensível na imagem” (ibid., p.278), portanto, que põe em jogo a projeção da imagem fechada. Ele indica que no corpo podemos distinguir dois pedaços: “um que pode ter a imagem especular, outro que literalmente não a tem” (ibid., p.49). No âmbito da imagem corporal, o objeto pequeno  $a$  denuncia algo que não fora recortado pelo significante. É por essa via que Lacan patenteia algumas noções sobre os fenômenos de despersonalização e de sentimento de desapossamento próprios do não-reconhecimento da imagem especular.

No âmbito da alienação, devemos levar em conta “a ligação inaugural entre a relação com o grande Outro e o advento da função da imagem especular, cuja notação é  $i(a)$ ” (ibid., p.41). Reportemo-nos ao esquema óptico apresentado abaixo para compreender a relação do objeto  $a$  com a imagem.



*Schéma simplifié*

Figura 1: Lacan, 1962/2004, p. 50.

De acordo com a figura, o espelho real (A) é o lugar do Outro, ou seja, a imagem projetada do lado direito do esquema se encontra recortada pela linguagem. A imagem real  $i(a)$  concerne o corpo libidinizado funcionando em sua materialidade que, ao se projetar no campo da linguagem, autenticado pelo Outro, é mais uma vez alienado como demonstrado pela notação

i'(a), a imagem virtual de uma imagem real. Ademais, do lado esquerdo vemos notado pela letra *a* esse objeto que escapa à especularização, pois “nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto” (ibid., p.48-49). No campo do Outro, do lado direito, esse resto está no lugar da falta imaginária, o menos  $\phi$  (- $\phi$ ).

Segundo Lacan, no campo da linguagem “não podemos fazer outra coisa senão imaginá-lo [o objeto *a*] no registro especular” (ibid., p.50). No lado esquerdo do esquema podemos supor ilusoriamente que o objeto *a* se encontra coerentemente adequado à imagem. Todavia, ao projetar-se no campo do Outro a partir do espelho plano, ele representa apenas o lugar da falta (menos  $\phi$ ). O objeto se perdeu: não se encontra jamais sob domínio simbólico, tampouco se especulariza no campo da imagem. O espelho plano, campo do significante, impossibilita o acesso do sujeito ao objeto de seu desejo, objeto *a*. A função do desejo se sustenta pela relação de i(a) com o *a* e é “marcado pela ausência do objeto *a* sob a forma de (- $\phi$ )” (ibid., p.286). É precisamente aí que se localiza, segundo Lacan, o fenômeno da angústia:

A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (- $\phi$ ), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo *a* do objeto do desejo. (ibid., p.51)

Em última instância, a angústia é o que denuncia que a falta imaginária, necessária para o funcionamento do desejo, veio a faltar. O objeto *a*, desnudo de suas vestes, compareceu ali onde deveria ser um lugar vazio. A saber, no lugar de menos  $\phi$  se apresenta a libra de carne, resto abominado pelo Outro. Trata-se do desvelamento do objeto devido a uma insuficiência no nível imaginário e a presença radical de um resíduo perturbador. Acerca do menos  $\phi$ , Lacan adverte: “esse menos-*phi* não é mais visível, mais sensível nem mais presentificável ali do que aqui, embaixo de i(a), porque não entrou no imaginário” (ibid., p.50). A partir dessas considerações, Lacan indica:

A *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*. Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar. (ibid., p.51-52)

Quando o estranho (*Unheimlich*) aparece no lugar da falta, “a falta vem a faltar”. A falta, no nível da castração imaginária, é o que orienta e polariza o desejo. Uma vez que ela vem a faltar, resta ao sujeito se deparar com o afeto da angústia. Esse afeto, que não engana, tem como seu objeto o pequeno *a*: irreduzível ao significante – e, como vimos anteriormente, é próprio do significante enganar, equivocar, falhar. O afeto da angústia escapa ao jogo de tapeação, enganação e engodo próprios do significante, lançando o sujeito à sua própria objetividade,

como dissemos, ao que ele é de *a*, libra de carne irreduzível e inassimilável ao significante. Com efeito, a dúvida, nos diz Lacan, “serve apenas para combater a angústia” (ibid., p.88).

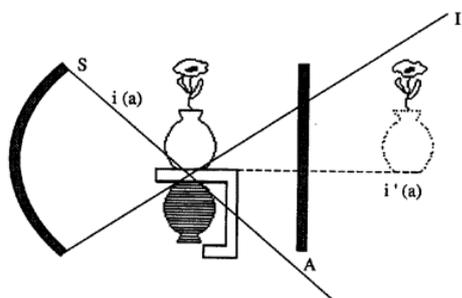
A angústia é um sinal que vêm a interromper o que outrora sustentava a libido, essa que depende da mascaração do objeto, revelando “onde a constituição da imagem especular mostra seu **limite**” (ibid., p.121), seu fenômeno de **borda**:

Esse fenômeno de borda, vocês o encontram, por exemplo, em ocasiões privilegiadas, na janela que se abre, marcando o limite do mundo ilusório do reconhecimento, aquele que chamo de **cena** [ou palco]. Essa borda, esse enquadramento, essa hiância, ilustra-se neste esquema pelo menos duas vezes – na borda do espelho e também neste sinalzinho,  $\diamond$ . Que fica aí o lugar da angústia, isto é o que vocês devem sempre guardar como o sinal do que deve ser procurado no meio (ibid., p.121-122, [grifo nosso]).

Através do esquema especular que projeta uma imagem, destacamos o limite do espelho, que permite **enquadrar** a angústia. O ponto perturbador que aparece na imagem, *unheimlich*, é situado, enquadrado. Destarte, o objeto *a* está situado na borda/gargalo do vaso do esquema óptico e no furo central circunscrito pelo circuito das demandas (D) como demonstrado na figura do toro. Sobre o enquadramento da angústia, Lacan assevera:

O que quero acentuar hoje é apenas que o horrível, o suspeito, o inquietante, tudo aquilo pelo qual traduzimos para o francês, tal como nos é possível, o magistral *unheimlich* do alemão, apresenta-se através de claraboias. É enquadrado que se situa o campo da angústia. Assim vocês reencontram aquilo por meio do qual introduzi a discussão, ou seja, a relação da cena com o mundo. (ibid., p. 86)

Entendendo a flor como o objeto pequeno *a* e o vaso como o corpo alienado e ideal, a experiência do buquê investido do físico Bouasse apropriada por Lacan retrata a imagem virtual da imagem real –  $i'(a)$  – da flor enquadrada no vaso, uma vez que se encontra projetada no campo do Outro. Ademais, “o vaso tem sua imagem especular, que é o eu ideal, constitutivo de todo o mundo do objeto comum” (ibid., p.110) que, como vimos anteriormente, consiste no objeto da troca, partilhável, em cujo fundo se encontra o objeto *a*, irreduzível à libido.



<sup>30</sup> Esquema óptico representado na versão "Stécriture" do Seminário 8 – a transferência, p.333.

O vaso, que simboliza o continente narcísico da libido, se relaciona, a partir do atravessamento da linguagem (A), com a imagem do corpo próprio. Respectivamente, entre o *i(a)* e o *i'(a)*, há uma **oscilação** em que o objeto *a* se manifesta através do fenômeno da angústia. Com efeito, **no que diz respeito ao sujeito e ao objeto *a*, a angústia “é o sinal de certos momentos dessa relação”** (ibid., p.98, [grifo nosso]).

Se esse vaso torna-se então angustiante, é na medida em que o *a* vem preencher nele, pela metade, o vazio constituído pela castração original. Resta ainda acrescentar que esse *a* vem de outro lugar e que só é constituído por intermédio do desejo do Outro. É aí que deparamos com a angústia e com a forma ambígua da borda do outro vaso, que, no modo como é feita, não permite distinguir o interior nem o exterior. (ibid., p.226).

Há angústia na medida em que algo vacila entre o sujeito e seu objeto comum no curso de seu desejo que, como demonstramos exaustivamente, se encontra sob fundo do verdadeiro objeto da relação, objeto pequeno *a*. Nesse ponto, “no qual o sujeito se relaciona com a sua falta” (ibid., p.258), a fantasia que revestia os objetos parciais como objetos do desejo do sujeito é suspensa, se mostra falha, e é no nível do Outro, campo impotente e indeterminado, que se experimenta o afeto que não engana. A função da angústia indicada pelo desejo do Outro está “ligada a **eu não saber que objeto *a* sou eu para esse desejo**” (ibid., p.363, [grifo nosso]), capturando o sujeito em sua objetividade. Remetendo-nos à fábula do louva-a-deus: o que ele quer de mim? *Che Vuoi?* O sujeito é convocado a se posicionar frente ao Outro, uma vez que desconhece o objeto de seu desejo. Para tanto, Lacan indica: “(...) *não sei que objeto eu sou*”, pois ele “é essencialmente desconhecido” (ibid., p.353). Alienado no campo do Outro, campo determinado pelo significante, a saber, pela indeterminação, inconsistência, falta, enganação, tapeação, etc., resta ao sujeito sustentar seu desejo através das máscaras postiças imaginárias que estão fadadas a cair revelando o horror, *Unheimlich*, que também pode impelir **o sujeito a fazer algo**.

### **Sessão 2.3: Do *Nierdefallen* ao *Niederkommen*: da queda do objeto à queda do sujeito**

Analisamos que o objeto da angústia – cujo status escapa ao campo do significante e, portanto, está fora do jogo de tapeação ou dúvida – perturba o sujeito na medida em que aparece desvelado, desnudo. Buscamos, na presente sessão, explorar um determinado modo de responder ao afeto que não engana: a passagem ao ato. Antes de introduzir o quadro da angústia em sua totalidade, versando sobre o campo do agir, Lacan assevera: “o referencial da certeza é essencialmente a ação (...) talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. Agir é arrancar

da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia” (ibid., p.88). Com isso, ele apresenta o quadro completo inserindo os seguintes conceitos: “*acting out*” e “passagem ao ato”.

	Dificuldade →		
Movimento ↓	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	Passagem ao Ato
	Efusão	Acting-out	Angústia

Figura 1. Quadro esquemático: inibição, sintoma e angústia (Lacan, 2005, p. 22).

Optamos por investigar a passagem ao ato por se tratar de uma modalidade na qual o sujeito visa fazer algo a partir do afeto da angústia, revelando em sua radicalidade **uma dimensão objetal do sujeito: o que ele é de *a*, libra de carne, resto abominado pelo Outro**. O sujeito que passa ao ato encaminha-se para uma realização que denuncia uma característica estrutural de sua relação com o objeto pequeno *a*, objeto que, como vimos, é um resto inassimilável ao significante e recortado da imagem. A dimensão de movimento da ação – que está para além da locomoção – dá outros fins à paralisação do sujeito frente à angústia. Segundo o quadro acima, a passagem ao ato está enquadrada sob as coordenadas de dificuldade e de movimento entre o embaraço, forma leve de angústia que, segundo Lacan (1962-63/2005), concerne ao “sujeito S revestido da barra \$” (ibid., p.19), e a emoção que representa algo da ordem do descontrole, “movimento que se desagrega, a reação que chamamos catastrófica” (ibid., p.20). Observamos que a angústia, situada próxima do *acting out* e da passagem ao ato, se realiza no máximo das coordenadas.

Apropriando-se do relato da Jovem Homossexual, caso clínico de Freud sobre uma paciente que tentara suicídio jogando-se nos trilhos de um trem, Lacan (1962-63/2005) correlaciona o *niederkommen lassen*<sup>31</sup> – que, em uma de suas traduções, significa “deixar-se cair” – à passagem ao ato. Em suas palavras: “esse largar de mão [*laisser tomber*] é o correlato essencial da passagem ao ato” (ibid., p.129). A estrutura dessa modalidade de ato, denunciada por uma **perturbação do sujeito com o objeto *a***, é representada por uma precipitação onde o “o sujeito se encaminha para se **evadir da cena**” (ibid., p.130, [grifo nosso]) **para o mundo**. No caso clínico freudiano, a jovem se precipita para fora da cena fantasmática que outrora sustentava uma posição de resposta ao desejo do Outro. Devemos salientar que essa dimensão de cena se refere àquilo que destacamos acerca da borda, do limite que separa o mundo do que

<sup>31</sup> Termo utilizado pela jovem referindo-se a sua tentativa de suicídio.

é da ordem do ilusório e do reconhecimento, ou seja, da fantasia. É pela cena que o sujeito pode se constituir como falante, pois é no campo do Outro, da “dimensão da história” (ibid., p.43), que ele se aliena em uma estrutura de ficção. Contudo, do outro lado, o mundo é o “lugar onde o real se comprime” (ibid., p.130). A cena do Outro permite que o sujeito atue a partir de sua estrutura de ficção – que é precisamente onde objeto *a* está ausente – possibilitando o desejo. A presença do objeto como resto evidencia a queda das vestimentas imaginárias e o afeto da angústia como consequência disso. Como resposta, ao invés de subir no palco e montar uma cena, como seria uma saída da angústia pelo *acting out*, o sujeito que passa ao ato identifica-se com o objeto *a*, resto abominado pelo Outro e deixa-se cair (*niederkommen lassen*) no mundo. Há, portanto, um rompimento com a cena que estruturava as coisas do mundo segundo as leis do significante. Com efeito, Lacan aponta:

O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito – ele se precipita e despenca fora da cena. Essa é a própria estrutura da passagem ao ato. (ibid., p.129)

Há uma **identificação radical** ao objeto da queda (*niederfallen*), cedível, que fora separado através de um corte que possibilitou a própria emergência do sujeito enquanto barrado no campo do Outro. Lacan aproxima o objeto pequeno *a* – residual e inassimilável à função significante da operação simbólica – a um dejetivo. Com efeito, ele adverte: “ora, é justamente esse dejetivo, essa queda, o que resiste à ‘significantização’, que vem a se mostrar constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejanter” (ibid., p.193). Ou seja, esse objeto precisa decair e permanecer separado do sujeito para que haja desejo. Contudo, no terreno da angústia e da passagem ao ato, observamos uma perturbação através da relação súbita entre o sujeito e o objeto. Identificado ao objeto dejetivo, vemos o sujeito sendo “apagado ao máximo pela barra” (ibid., p.129) e impelido a se ejetar da cena como dejetivo, excremento. Ele se encontra em uma posição em que não pode fazer o que lhe é demandado pelo Outro, a saber, inibir-se frente à perturbação da angústia que o assola: o sujeito sai de cena, mas como está identificado ao objeto, é ejetado como dejetivo, larga de mão: *niederkommen lassen*. No nível da demanda, “o que o sujeito já tem para dar é o que ele é – **uma vez que o que ele é só pode entrar no mundo como resto, como irreduzível em relação ao que lhe é imposto pela marca simbólica**” (ibid., p.356, [grifo nosso]). Analisamos pela figura topológica do toro que o círculo das demandas forma um furo central que ex-siste em relação ao simbólico, assim como a borda do gargalo do vaso representa um limite no nível especular. É nesta borda/limite do simbólico e do imaginário que está a estrutura da passagem ao ato, desvelada em relação à objetividade que a marca.

A partir dessas considerações, Lacan apresenta outro quadro, tomando como referência o quadro da angústia. Observamos que no lugar da passagem ao ato, ele coloca a “**fantasia de suicídio**” (ibid., p.362) e, no do *acting out*, o luto.

I	desejo de não ver	impotência	conceito de angústia
S	desconhecimento	onipotência	<b>suicídio</b>
A	ideal	luto	angústia

*O nível escópico*

Fonte: LACAN 1962-63/2005, p.361

O quadro acima permite que abordemos e distingamos dois termos que se apresentam ao lado da angústia, o luto e o suicídio, já que revelam, no seio da relação com o objeto pequeno *a*, a objetividade estrutural do sujeito. A temática do suicídio tem um espaço importante em nossa discussão pois, ao desenvolvermos sobre a passagem ao ato suicida a partir do “deixar-se cair” ou *niederkommen lassen*, vemos que Lacan atualiza o quadro da angústia situando no lugar dessa modalidade de ato a fantasia do suicídio que, posteriormente, ganhará algumas articulações junto à melancolia. Contudo, tais articulações não estão aprofundadas no seminário 10, restando-nos apenas apresentar algumas instigações de Lacan ao final de seu livro.

Sobre a função do luto, Lacan (1962-63/2005) retorna ao apêndice do texto *Inibição, sintoma e angustia* onde Freud (1926[1925]/2006m) distingue a angústia do luto como reações ao perigo da perda do objeto e à perda do objeto, respectivamente. Sobre o processo de luto, Freud (1917/2006h) salienta seu aspecto gradual e o enorme dispêndio de tempo e energia próprios do desligamento da libido do objeto perdido. Em contrapartida, denuncia um “apego ao objeto” (FREUD, 1917/2006h, p.250) através da tentativa de preservá-lo, prolongando-o psiquicamente a partir do hiperinvestimento, da evocação e expectativas que compunham a relação com ele. Com efeito, Lacan adverte que o sujeito “insiste, justificadamente, no aspecto detalhado, minucioso, da rememoração de tudo o que foi vivido da ligação com o objeto amado” (LACAN, 1962-63/2005, p.363). Lacan indica diversas vezes ao longo de seu seminário a identificação com o objeto perdido como algo que se encontra no princípio do luto, pois, já que não posso ter o objeto, resta-me sê-lo. Ademais, o trabalho do luto possui tais características a fim de

restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto *a*, para o qual, posteriormente, será possível dar um substituto, que afinal não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente seu lugar. (ibid., p.363)

Devemos lembrar que, a partir da construção argumentativa acerca do sujeito em Lacan, situamos sujeito barrado (\$) como efeito intervalar de uma operação significativa (S1-S2). O sujeito busca nos objetos de amor um suporte para sua castração, assim como se faz de objeto que visa completar a falta do outro – mediado pela relação com o grande Outro. Quando perdido o objeto de amor que outrora ocupava tal função, “vemo-nos pelo que somos, uma vez que seríamos essencialmente devolvidos a essa posição de castração” (ibid., p.125). Ademais, “a função que tínhamos de ser sua falta, cremos agora poder traduzi-la em haveremos faltado para com ela” (ibid., p.157). Ora, o que está em jogo no amor? O *a*, uma vez que ele é objeto da identificação e também objeto de amor, causa do desejo, já que, como outrora analisado, os objetos típicos têm esse objeto no plano de fundo. Na passagem do amor para a identificação, etapa que Freud cunhou de regressiva, observamos que o objeto *a* é instrumento. Com efeito:

Só nos enlutamos por alguém de quem possamos dizer a nós mesmos: eu era sua falta. Ficamos de luto por pessoas a quem tratamos bem ou mal, e diante das quais não sabíamos que exercíamos a função de estar no lugar de sua falta. O que damos no amor é, essencialmente, aquilo que não temos, e quando isso que não temos volta para nós, com certeza há uma regressão e, ao mesmo tempo, uma revelação daquilo em que faltamos para com essa pessoa, para representar essa falta. (ibid., p.156)

A nível escópico, no trabalho do luto as ligações do desejo se prendem à imagem idealizada mascarada por trás do objeto pequeno *a*, a saber, *i(a)*, por onde o amor se estrutura podendo eleger um substituto. O apego ao objeto consiste em tentar preservá-lo e se identificar a certos traços reduzidos ao nível imaginário. Ainda, nesse processo inclui-se a busca por outra roupagem imaginária que o objeto pequeno *a* pode vestir permitindo a movimentação do desejo. Segundo Tenório e Moura (2014), “trata-se de elaborar a perda do objeto amado a fim de restabelecer a ligação com o objeto causa de desejo, para que outro objeto possa a vir neste lugar como substituto” (p.477).

Mesmo pouco aprofundada por Lacan no Seminário 10 (1962-63/2005), a passagem ao ato suicida na melancolia oferece interessantes subsídios teóricos para explorarmos a objetividade do sujeito. Distinto do luto, sobre o mecanismo da melancolia Lacan aponta, a partir das formulações freudianas, que “**é o objeto que triunfa**” (LACAN, 1962-63/2005, p.364, [grifo nosso]). Segundo Barreto e Fontele (2016), “não há a reintegração de outras vestes narcísicas para o objeto diante da perda” (p.29). Para atingir o objeto causa de desejo, o melancólico atravessa sua imagem atacando-a. Revela-se uma radical complicação entre o sujeito e o objeto pequeno *a*, já que, desnudo de suas vestimentas imaginárias, o objeto comparece no lugar da falta, perturbando o sujeito e **arrastando-o à sua exclusão fundamental**. É no seio dessa relação tão estreita e alienada com esse objeto resto que se realiza

um suicídio melancólico. Trata-se, portanto, não da relação do sujeito com o *i(a)*, mas da sua radical identificação com o objeto pequeno *a* como resto. O objeto que triunfa é aquele que permanece desconhecido e que é tão estruturante para o sujeito: o resto da operação subjetiva, o objeto da queda (*niederfallen*). Identificado e reduzido radicalmente ao resíduo dessa operação, o melancólico se afasta, se ejeta da cena como dejetivo abominado do Outro “destituído de qualquer valor narcísico” (ibid., p.29). Com efeito, “o *niederkommen* é essencial para **qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como *a***” (LACAN, 1962-3/2005, p.124, [grifo nosso]) e

Não é à toa que o sujeito melancólico tem tamanha propensão, e sempre realizada com rapidez fulgurante, desconcertante, a se atirar pela janela. Com efeito, na medida em que nos lembra o limite entre a cena e o mundo, a janela nos indica o que significa esse ato – o sujeito como que retorna à sua exclusão fundamental em que se sente. (ibid., p.124).

Outra vez a janela é evocada para marcar um limite entre a cena, que se estabelece a partir do significante, e o mundo, que escapa ao significante e por onde o sujeito se precipita pela defenestração. Seu fenômeno de borda também pode ser denotado pelo sinal  $\diamond$  (punção) que demarca uma hiância que separa o sujeito barrado do objeto pequeno *a*, fórmula da fantasia e suporte do desejo. Acerca do suicídio melancólico, “se tantas vezes isso acontece na janela, se não através da janela, não é por acaso. É o recurso a uma estrutura que não é outra coisa senão a da fantasia.” (ibid., p.364). Ademais, Segundo Brunhari (2017): “este atravessamento abrupto, veiculado pela angústia que antecede o ato, apaga o sujeito barrado grafado na fórmula lacaniana da fantasia, deixando apenas o *a* em sua função de resto” (p.153).

### **CAPÍTULO 3 - Sobre o conceito da passagem ao ato**

O presente capítulo traz como questão central, a partir da leitura de textos publicados sob escopo psicanalítico, a discussão em torno do conceito da passagem ao ato em paralelo ao que foi desenvolvido e apresentado nos capítulos anteriores. O que se revela de modo radical e perturbador na passagem ao ato e aquela que privilegiamos, a suicida, é a dimensão objetual constitutiva do sujeito. Mais especificamente, interessa-nos o que nele insiste como objeto resto, dejetivo, evidenciando o insuportável dessa condição. Nossas etapas de construção teórica sobre essa dimensão objetual e as condições que levariam um sujeito ao auto aniquilamento em uma passagem ao ato suicida conduziram-nos a realizar um determinado caminho argumentativo. A investigação fundamentada na literatura a partir de Freud e Lacan propiciou importantes subsídios teóricos para que possamos agora avançar no tema contemplando mais escritos dos referidos autores e de outros da contemporaneidade que se debruçaram sobre a passagem ao ato.

Em primeiro lugar, é no âmbito da psiquiatria francesa do século XIX que a expressão *passage a l'acte* surge. Na época, ela estava restrita à criminologia e era utilizada para referir-se exclusivamente aos atos impulsivos, violentos e delituosos. Nos anos vinte do século XX, as formulações sobre o conceito da passagem ao ato feitas pelo psiquiatra francês Paul Guiraud (1931) se apoiavam na ideia de que os crimes buscavam libertar o *kakon*, palavra grega para designar o “mal interior”. Lacan menciona o *kakon* em alguns momentos iniciais de seu ensino, transpondo-o para o campo psicanalítico. Segundo Lopes, Santiago & Ferreira (2008), ele emprega um significado diferente da psiquiatria, concebendo-o no plano da identificação do registro imaginário. Sua primeira referência se encontra na tese IV do texto “A agressividade em psicanálise” (1948/1998) atrelada a uma tendência agressiva correlata a uma forma de identificação narcísica determinante para a estrutura do eu. Entretanto, em sua tese de doutorado *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932/1987) a ideia de *kakon* é explorada pela passagem ao ato homicida de Marguerite Anzieu, mais conhecida pelo nome fictício dado por Lacan, Aimée, devido às **tendências autopunitivas para resolver o inimigo interior, o kakon**, já que “o inimigo exterior que Aimée golpeia representa a si mesma” (LOPES et al., 2008, p.42). No centro de uma vasta rede ameaçadora de perseguidores e conspiradores estava a renomada atriz Huguette ex-Duflos, representando um ideal de mulher letrada, bem-sucedida e aculturada inalcançável para Aimée. Por conta disso, ela passa ao ato agredindo a imagem especular do semelhante como forma de autopunição. Ela golpeia com uma faca uma imagem ideal que ela não alcançou. Presa em Saint-Lazare por tentativa de

homicídio, passam-se vinte dias até que um efeito resolutivo permite que o delírio da paciente se desfizesse de uma só vez. Lacan (1932/1987) transcreve o relato de sua paciente neste período: “(...) esta atriz não tinha nada contra mim, que não deveria tê-la assustado (...)” (p.170). Ademais, Lacan comenta que ela deseja voltar a trabalhar, a ver e cuidar de seu filho e a ler e escrever. No âmbito do *kakon*, a reação agressiva contra sua inimiga exterior e as consequências de seu ato ganham efeitos resolutivos na medida em que Aimée parece “libertar” seu inimigo interior, desfazendo a construção delirante paranoica e solucionando o mal estar.

Algumas décadas depois, no seminário sobre a angústia, Lacan (1962-63/2005) se debruça sobre a passagem ao ato, tornando-a tema de sua nona lição intitulada “Passagem ao ato e *acting out*: deixar-se cair e subir no palco”. Nela, o conceito não mais se restringe a uma modalidade de ato delituosa, mas configura-se como uma resposta à angústia onde, na impossibilidade da simbolização desse afeto pela palavra, o sujeito realiza um movimento abrupto e “deixa-se cair” (*niederkommen lassen*) da cena para o mundo. Dessa maneira, a passagem ao ato se encontra fixada no quadro da angústia sob as coordenadas de dificuldade e do movimento.<sup>32</sup> Os exemplos trabalhados por Lacan na lição supracitada são retirados de duas situações-limite relatadas nos casos clínicos de Freud, a saber: a bofetada de Dora no Sr. K e a tentativa de suicídio da jovem homossexual. Em ambas, há um fator desestabilizador gerador de extrema angústia que impele as pacientes a agirem de modo extremo e disruptivo. Tratam-se de momentos cruciais imbuídos de um “valor de mudança de rumo num destino” (LACAN, 1962-63/2005, p.130).

As elaborações sobre a passagem ao ato presentes no *Seminário 10 – a angústia* (1962-63/2005) encontram-se intimamente articuladas ao conceito de objeto pequeno *a* e têm grande importância por revelarem uma dimensão objetual do sujeito sobre a qual nos debruçamos amplamente no capítulo anterior. Vimos ser condição essencial da passagem ao ato a identificação do sujeito ao objeto pequeno *a*, ao qual ele se reduz quando retorna à sua exclusão fundamental. Essa exclusão, vale ressaltar, ocorre uma vez que o sujeito rompe, em ato, com o campo do significante. É importante frisarmos, ainda, que discorrer sobre a passagem ao ato a partir da conceitualização do objeto pequeno *a* aponta para um claro rompimento com uma tradição psiquiátrica que a restringia ao campo da criminologia. Ademais, por se tratar de uma relação súbita entre o sujeito e o objeto *a*, objeto da angústia, essa modalidade de ato pode ser observada tanto na psicose quanto na neurose (levando em conta suas especificidades)<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Conferir na página 43 (1º quadro da angústia)

<sup>33</sup> A presente dissertação não pretende abordar as especificidades da passagem ao ato nas estruturas clínicas neurótica e psicótica.

Situado no terreno dos atos, o conceito em questão deve ser distinguido do *acting out*, termo derivado do *agieren* (“agir”, “atuar” em alemão) freudiano. Os casos clínicos levantados por Lacan (1962-63/2005) em seu décimo seminário são paradigmáticos, pois permitem uma clara distinção entre o *acting out* e a passagem ao ato, uma vez que indicam, respectivamente, a subida ao palco e a montagem de uma cena e o deixar-se cair da cena para o mundo. Ademais, a diferença entre ação e ato deve ser relevada, tendo em vista o esforço necessário para não confundirmos o campo da psicologia apoiado no saber psiquiátrico com o da psicanálise. Observamos em Freud, já no início do século XX, um cuidado em não reduzir os atos e ações a meras respostas fisiológicas ou motoras, favorecendo um certo deslocamento do plano biológico. Vemos em Lacan a mesma preocupação que, pela introdução da lógica significante, possibilita uma compreensão do ato que o retira do registro natural.

### Sessão 3.1: Ação e Ato

No artigo “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, de Freud (1901/2006b), observamos, em germe, algumas formulações teóricas acerca dos atos e ações, além de algumas hipóteses sobre a temática do suicídio. Nos capítulos VIII “Equívocos na Ação” e IX “Atos Casuais e Sintomáticos”, Freud apresenta uma série de exemplos de realizações que desviam parcial ou totalmente daquilo que fora almejado conscientemente. Em seu lugar ocorre a execução de uma forma de agir de sentido alterado. Apoiando-se no conceito de inconsciente, as inúmeras situações cotidianas apresentadas por Freud revelam manifestações sem-sentido (*nonsense*) e desprovidas de razão. São perturbações que incidem sobre memória, linguagem e ação e consideradas exitosas, na medida em que algo do desejo inconsciente, do desconhecido (*Unbekannte*) e, portanto, da ordem do recalcado, pode aparecer pela via motora e tornar-se conhecido pela consciência. Ainda que Freud demonstre uma dificuldade em traçar uma distinção nítida entre os atos e ações em questão, ele o faz de maneira descritiva:

Uso o termo “equívocos na ação” [*Vergreifen*] para descrever todos os casos em que o efeito falho – ou seja, um desvio do que fora intencionado – parece ser o elemento essencial; aos outros, em que é antes a ação inteira que parece inoportuna, chamo-os de “atos sintomáticos e acidentais” [*Symptom- und Zufallshandlungen*] (FREUD, 1901/2006b, p.167)

Além do caráter falho das ações, Freud mostra que os atos acidentais (ou casuais) “aparecem por conta própria e são permitidos por não se suspeitar de que haja neles algum objetivo ou intenção. São executados ‘sem que se pense que há alguma coisa neles’” (ibid., p.193), enquanto que os atos sintomáticos “desempenham o papel de sintomas” (ibid., p.193). Isso nos permite colocar em relevo o **determinismo inconsciente** ao qual as ações e,

principalmente, os atos estão submetidos, afastando-os de uma noção estritamente motora e banal e indo de encontro ao que é da ordem do desconhecido. Isso quer dizer que, orientados pelo inconsciente, seriam passíveis de interpretação. O equívoco, a falha ou descompasso superpostos à atividade pensada/intencionada exprimem tal determinismo atribuindo um valor de ato àquela ação meramente motora. Partindo dessas premissas, Lacan assevera: “ou bem, ainda, este ato vai colocar seu sentido precisamente no que se trata de atacar, de abalar, seu sentido, ao abrigo da inabilidade, da falha.” (LACAN, 1967-68, lição de 22 de novembro).

Retomando a palavra alemã “*vergreifen*” que pode significar tanto “equivocar-se” quanto “violar” e “maltratar”, Freud (1901/2006b) destaca os ferimentos autoinfligidos e o suicídio como potenciais desfechos de um conflito psíquico. Aparentemente acidentais, evidenciam situações da vida cotidiana que demonstram uma **tendência autopunitiva** e uma **intencionalidade inconsciente**. Versando brevemente sobre o que viabilizaria uma tentativa ou a consumação do ato suicida, ele aponta para a presença de uma inclinação **autodestrutiva** que será aproveitada anos mais tarde, a partir do segundo dualismo pulsional, pela pulsão de morte. Sobre os ferimentos autoinfligidos, Freud assevera: “mesmos nos casos em que realmente se consuma o suicídio, a propensão a ele terá estado presente desde longa data, com menor intensidade ou **sob a forma de uma tendência inconsciente e suprimida**” (FREUD, 1901/2006b, p.183-184, [grifo nosso]).

Tomando como ponto de partida a discussão acerca da ação e do ato no referido texto freudiano, Lacan (1967-1968), em seu *Seminário 15 – o ato psicanalítico*, **identifica na ação um caráter mais aproximado à motricidade e estabelece uma articulação entre ato e significante**. Distinguindo-se do ato, Lacan define a ação como uma pura e simples resposta aos estímulos. Passivamente, a ação se põe como efeito de descarga de um estímulo ou excitação sensorial. Ao contrário desse plano exclusivamente motor e fisiológico, o ato só pode ser pensado a partir do significante, mesmo que possamos supor no centro de uma ação o próprio ato.

Ora, de que maneira podemos analisar a passagem ao ato – e, particularmente, a suicida – pela lógica significante? A princípio, devemos partir da suposição de que: a) uma ação motora pode adquirir um valor de ato; b) é constitutivo de todo ato: “sua dimensão significante” (LACAN, 1967-68, lição de 22 de novembro). Desse modo, para que uma ação ganhe tal valor é necessário que ocorra um desprendimento do registro natural, fisiológico e motor e uma introdução na ordem significante. Com efeito, “estamos então seguramente em uma postura de não podermos situar o ato nesta referência, nem à motricidade nem à descarga” (LACAN, 1967-

8, lição de 15 de novembro). Não obstante, nos vemos diante de um embaraço teórico, já que a passagem ao ato revela, justamente, uma resposta em ato em que a identificação radical do sujeito com o objeto *a* – objeto não partilhável que escapa a uma “significantização” e a uma especularização – **o lança para fora da rede significante**. Essa resposta à angústia, onde o sujeito identificado ao objeto sem véu se precipita no mundo, aponta para um limite do simbólico e imaginário, nos conduzindo a abordar determinados atributos do ato. Optamos por investigar seu caráter de **rompimento**, que demarca uma temporalidade (antes e depois), e seu aspecto inaugural capaz de instaurar o novo.

Em primeiro lugar, temos de retomar a noção da **falha** se buscamos explorar a passagem ao ato suicida, na medida em que não há consumação do ato, favorecendo a possibilidade de um testemunho endereçado ao analista. A dimensão da falha, como vimos anteriormente, revela que algo da ordem do inconsciente, portanto, do significante, emerge. O que evidenciamos em uma passagem ao ato, em que o sujeito se reduz ao objeto pequeno *a*, é justamente um rompimento com as coordenadas simbólicas que mediavam/regulavam sua relação com o campo do Outro. Entretanto, tal rompimento é realizado no **instante do ato**, tempo em que não há sujeito, nem Outro, tampouco desejo, já que o sujeito fora eclipsado pela sua barra e restou-lhe o que ele é de *a*: libra de carne, resíduo a ser descartado da trama simbólica.

Quando Lacan assevera que “uma dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito” (LACAN, 1967-68, lição de 29 de novembro), sabemos que sua afirmação concerne ao ato psicanalítico acerca da função que um analista ocupa em uma análise, semblante do objeto pequeno *a*. Entretanto, a passagem ao ato enquanto uma modalidade de ato permite que façamos uma articulação dessa frase com o instante do ato em que se encontra o sujeito apagado e reduzido pelo significante. Semelhante ao que fora desenvolvido por Lacan em seu décimo seminário acerca do sujeito que realiza uma passagem ao ato, segundo Vidal (1987)

o sujeito se encontra numa encruzilhada entre dois termos que se ordenam sobre dois eixos: o da *dificuldade* e do *movimento*, respectivamente, o excesso de significante que abafa o sujeito e a causa que relança o movimento (p.217).<sup>34</sup>

A angústia está enquadrada e o sujeito, suprimido pelo significante, é lançado para o que ele é de *a*: “ele vira fumaça” (LACAN, 1962-63/2005, p.130). Ele vence a inibição pelo agir, arrancando da angústia sua própria certeza. Notamos uma dificuldade em falar de sujeito no momento em que ele se encontra eclipsado e radicalmente identificado com o objeto

---

<sup>34</sup> Conferir na página 43 (1º quadro da angústia)

dejeito. Aí, no instante do ato, o que sobra é apenas o que o sujeito é de *a*, libra de carne: essa que sofre uma queda, *niederfallen*, identificado ao corpo que se deixa cair, *niederkommen lassen*.

Lacan indicou duas **condições essenciais** da passagem ao ato, a saber, “a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz” (ibid., p.125) e “o confronto do desejo com a lei” (ibid., p.125). Esse confronto é justamente a divisão do sujeito (\$) determinada pelo significante. Quando Lacan (1962-63/2005) situa a passagem ao ato no quadro da angústia como um momento de maior **embaraço** do sujeito trata-se de uma “alusão à barra, *bara*, como tal” (ibid., p.19) e “justamente da experiência da barra” (ibid., p.20). Como explorado, o sujeito que passa ao ato desaparece em seu instante, pois fica eclipsado – se quisermos nos remeter à ideia da sombra do objeto que recai sobre o Eu utilizada por Freud (1917/2006h) –, apagado pela sua divisão/castração.

Só depois – *nachträglich* – do ultrapassamento das coordenadas simbólicas, ou seja, desse instante do ato, que seu valor significante pode ser implicado e um sujeito pode encontrar sua presença no campo do Outro. Segundo Lacan,

se posso caminhar aqui de um lado para outro, falando a vocês, isso não constitui um ato, mas se um dia ultrapassar um certo limiar onde me coloque fora da lei, **esse dia minha motricidade terá valor de ato** (LACAN, 1967-68, lição de 15 novembro, [grifo nosso]).

Para melhor abordar este ponto, Lacan (1967-68) ilustra pela travessia de César do Rio Rubicão a transgressão da lei que instaura um outro momento, renovado, gerando implicações históricas para o sujeito. Segundo Brunhari (2017):

Podemos então conjecturar que se o ato é inaugural é em razão de que uma demarcação foi rompida. O limiar estabelecido pela ordem simbólica que, por exemplo, impedia César de avançar sobre o córrego é transgredido gerando assim um antes, no qual as coordenadas simbólicas delimitam um espaço, e um novo momento, no depois, em que uma ruptura é absorvida pela história. Dessa forma, podemos depreender que o ato está em função da ordem simbólica na proporção em que rompe com esta mas pode retomá-la após a sorte ser lançada. (p.169)

Partindo dessas considerações acerca do ato, observamos que uma passagem ao ato suicida que não leva o sujeito à morte possibilita, em um *a posteriori*, a inauguração de inúmeros efeitos inéditos capazes de reinserir sua presença no campo do significante. Com efeito, “a passagem ao ato é aquilo do que o sujeito reencontrará sua presença como renovada, mas nada mais” (LACAN, 1967-68, lição de 29 de novembro). Trata-se, portanto, de um rompimento situado em um tempo, mas que pressupõe, em seu horizonte, o Outro viabilizando a (re)absorção pelo significante. Por esta via, a história do sujeito não finda em seu ato, mas

pode encontrar nele sua própria renovação quando se endereça um testemunho ao psicanalista que, por sua vez, marcará sua face significativa.

### **Sessão 3.2: Do *Agieren* ao *acting out***

De início, marcamos que o *Agieren* freudiano não se confunde com o conceito da passagem ao ato apropriada por Lacan, mas servirá à investigação que colocará em questão algumas diferenças importantes. Iniciada no texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901, a discussão sobre o campo do ato vai tomando outros contornos. O termo alemão *Agieren* (“atuação”, “agir” em português) é evocado no plano transferencial por Freud em 1905 para designar as atuações de parte das lembranças e fantasias de sua paciente Dora. Anos mais tarde, em *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1914/2006d), texto situado nos *Artigos sobre a técnica* – onde estão suas principais recomendações da práxis psicanalítica –, Freud expõe o termo ao lado de outros conceitos fundamentais, visto que a atuação se consolida como um obstáculo na condução do tratamento analítico. Reconhecido nos limites da rememoração e ligado ao conceito de transferência, o *Agieren* é a atuação de algo da ordem do inconsciente que ocorre no lugar da recordação de uma lembrança recalcada e incompatível impedindo, assim, o trabalho de elaboração. O paciente, portanto, torna a repetir de forma opaca e à sua revelia seus sintomas e inibições, por exemplo:

Se nos limitarmos a este segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (FREUD, 1914/2006d, p.165)

No âmbito clínico e transferencial, a resistência imputada ao paciente revelou ser o principal obstáculo para a rememoração e fator determinante para a atuação e repetição. Segundo Freud, “quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar (...)” (ibid., p.166). Essa espécie de recordação ao avesso, estranha e atuada, carrega dentro da palavra alemã *Agieren* sua representação teatral de *mise-en-scène*<sup>35</sup>. Segundo Lins e Rudge (2012), “o analisando tenta dizer algo por meio de uma dramatização; assim o *acting out* não é pura expressão da repetição, ele também possui o valor de um **endereçamento**” (p.16, [grifo nosso]). Endereçado à figura do(a) analista, o *acting out* se situa no plano da transferência na medida em que o paciente faz dela um **palco** para realizar sua encenação. Para preservar o caráter cênico desse tipo de agir, o *Agieren* foi traduzido para

---

<sup>35</sup> Expressão francesa para designar uma encenação, direção, dramatização segundo o dicionário escolar francês Michaelis (2017).

a língua inglesa pelo biógrafo Strachey como *acting out*. Uma vez desenvolvido nos escritos sobre a técnica psicanalítica, o tema da atuação merece a atenção dos psicanalistas que buscam se orientar pelas recomendações produzidas nesse período. Para tanto, Freud (1914/2006d) adverte aos seus leitores que “o instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência” (p.169). Com efeito, mais do que apenas uma mera elaboração, Freud aposta na construção de um trabalho psíquico inconsciente que deve ser realizado “através”, tal como ele mesmo indicou pelo verbo *Durcharbeiten* onde “*durch*” significa “através de” e “*Arbeiten*”, “trabalho”. Doravante, o *Agieren* impede o processo de elaboração, uma vez que reapresenta algo da ordem do inconsciente pela atuação e a “perlaboração” (*perlaboration* ou *workingthrough*<sup>36</sup>) permite ao paciente superar sua resistência, mantendo na esfera psíquica impulsos que tenderiam a se dirigir para a esfera motora.

Diferentemente de Freud, Lacan **não atribui a atuação a uma expressão da resistência do paciente**, mas à resistência do analista. Entretanto, também põe em relevo a questão do **manejo** como principal ponto no plano transferencial para evitar o *acting out*. No *Seminário 10 - a angústia* (1962-63/2005), ele reformula o conceito do *acting out* a partir do seu caráter de **encenação**. Situado no quadro da angústia<sup>37</sup> entre o impedimento, eixo da dificuldade, e a perturbação (efusão), movimento, o *acting out* é uma modalidade de ato que visa resolver este afeto.

O conceito do *acting out* deve ser pensado a partir de uma falha imputada ao analista, “quando na análise se opera uma redução do campo do desejo à demanda” (VIDAL, 1987, p.212-13). Em oposição à passagem ao ato, Lacan elabora a seguinte definição do conceito: “o *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se **mostra** na **conduta** do sujeito. A ênfase **demonstrativa** de todo *acting out*, sua **orientação para o Outro**, deve ser destacada” (LACAN, 1962-63/2005, p.137, [grifo nosso]). Como um protesto ao analista, que se eximiu de operar a partir do significante, ocupando o lugar do grande Outro, o paciente sobe ao **palco** e realiza uma mostra – a saber, uma atuação explícita e visível ao máximo – do pequeno *a*. O *acting out* “clama pela interpretação” (ibid., p.140), mas não pela via do sentido, imaginário. Com efeito, “não é o sentido do que vocês interpretam, seja ele qual for, que importa, e sim o resto” (ibid., p.141). O sujeito que atua não rompe com o campo do significante, mas faz um **apelo** ao grande Outro através da mostragem do objeto pequeno *a* em cena.

---

<sup>36</sup> Neologismo introduzido por Laplanche e Pontalis (1967) para traduzir o termo *Durcharbeiten*. Em inglês obteve a tradução de *workingthroug*.

<sup>37</sup> Conferir na página 43 (1º quadro da angústia)

A retomada do curioso caso do analista pós freudiano Ernest Kris<sup>38</sup> (um dos expoentes da psicologia do Ego) ilustra o *acting out* e sua profunda relação com o objeto *a*. A propósito de uma questão central que envolvia a possibilidade de plágio, Kris realiza uma intervenção que acaba por “reduzir seu paciente com os recursos da verdade” (ibid., p.139). Sua intervenção, que se tratava de averiguar se seu paciente havia sido plagiador, denuncia uma operação pela via do sentido. Ao responder à demanda de seu paciente desconsiderando o desejo, Kris ocupa um determinado lugar para o qual será endereçado e mostrado o que não foi escutado pela via do inconsciente. O material inconsciente que não foi instigado, mas desviado por Kris é, em contrapartida, revelado por uma atuação. Como efeito da intervenção do analista, o paciente relata que, ao final das sessões, vai comer miolos frescos. A análise de Lacan (1962-63/2005) acerca do *acting out* permite compreendermos que se trata de um apelo dirigido ao Outro “e quando se está em análise, dirige-se ao analista. Se ocupou esse lugar, pior para ele” (ibid., p.142). A veracidade factual se sobrepõe à verdade do sujeito, restando ao paciente fazer da transferência o palco onde ele pode mostrar o que é da ordem do desejo, o objeto pequeno *a*. Com efeito, Lacan assevera: “o essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história” (ibid., p.139), a saber, são **miolos frescos, libra de carne**. Segundo Brunhari (2017), “por mais apelativo que seja o *acting out* o que importa nessa encenação é o objeto *a*.” (p.157). O objeto pequeno *a*, objeto do mundo que não pertence aos objetos comuns, típicos, objetos da troca, é então colocado em cena sob um véu agalmático. Desse modo, o *acting out* indica uma relação essencial do objeto pequeno *a* com o grande Outro (*a – A*) uma vez que se pretende denunciar, de forma velada, algo da ordem do desejo.

Notamos que a transferência selvagem realizada pela complicação do manejo (*handlung*) com o paciente faz do *setting* analítico um *set* perfeito para sua *mise-en-scène*, onde o analista torna-se o espectador. Trata-se de uma transferência “que precisa ser domesticada, colocando cada um dos elementos em questão em seu lugar: desfazer esse laço agalmático entre o sujeito e o objeto e situar o Outro em seu Campo.” (BASTOS, CALAZANS, 2010, p.251). Sobre o manejo, Lacan indica:

Resulta daí que uma das questões formuladas acerca da organização da transferência – refiro-me com isso a sua *Handlung*, seu manejo – é saber como se pode domesticar a transferência selvagem, como fazer o elefante selvagem entrar no cercado, como pôr o cavalo na roda para fazê-lo girar no carrossel. (LACAN, 1962-63/2005, p. 140)

### Sessão 3.3: Subir no palco e *niederkommen lassen*

---

<sup>38</sup> Caso apresentado por Lacan em “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘*Verneinung*’ de Freud” (1956[1954]/1998).

Ainda que sejam modalidades distintas de ato, ambos os exemplos analisados por Lacan (1962-63/2005) a partir dos casos clínicos de Freud na lição IX do *Seminário 10 – a angústia*, apontam para um *acting out* seguido de uma passagem ao ato. Ou seja, são casos clínicos onde o sujeito subiu ao palco e **montou uma cena** e, devido a determinadas condições, evadiu da cena, **deixou-se cair**. O sujeito do *acting out* parece evitar a angústia construindo um cenário em que seu espectador, o grande Outro, recebe uma mensagem cifrada na qual o objeto pequeno *a*, causa de seu desejo, é demonstrado sob o véu agalmático. Em contrapartida, na passagem ao ato o que se revela de modo extremo é, justamente, a impossibilidade de evitar o objeto da angústia desnudo de suas vestimentas imaginárias, ao qual o sujeito se identifica e se reduz. Lastreados pelo afeto que não engana, tratam-se de atos que visam resolver a presença perturbadora do objeto não partilhável: no *acting out* pela **mostração mascarada do *a*** destacado do sujeito e na passagem ao ato devido a uma **identificação radical do sujeito com o *a***. Segundo Lacan: “a relação profunda e necessária do *acting out* com o *a*, é a ela que desejo levá-los como que pela mão, sem deixá-los cair” (ibid., p.136).

O emblemático caso freudiano da jovem homossexual retomado por Lacan (1962-63/2005) no *Seminário 10 - a angústia*, além de explorar ambas as modalidades de ato, destaca uma tentativa fracassada de suicídio que levou, um ano depois, à produção de um testemunho em análise. A partir de um ato analítico foi possível retirar da passagem ao ato suicida seu valor significante. Ressaltamos a importância do caso em questão, pois introduz o termo “*niederkommen lassen*” utilizado pela jovem para relatar sua tentativa de suicídio, tomado de empréstimo por Lacan (1962-63/2005) para designar um largar de mão (*laisser tomber*), “correlato essencial da passagem ao ato” (ibid., p.129). Atentemos agora, no âmbito da relação do sujeito com o objeto pequeno *a*, o “subir no palco” e o “deixar-se cair” da jovem com o intuito de, mais uma vez, distingui-los e, paralelamente, darmos ênfase a determinadas questões que foram suscitadas pela investigação.

Endereçado ao pai, o *acting out* da jovem de dezesseis anos se pauta pela decepção causada pela constatação de não mais ser seu objeto de desejo, devido ao nascimento de um terceiro irmão. A cena é montada próxima ao local de trabalho do pai. Ela “sobe ao palco” travestida com roupas de cavalheiro e exibindo uma determinada conduta que se acentua com a publicidade de sua atuação: passeia com uma *cocotte*/dama e demonstra um amor cortês que denuncia seu caráter superestimado, servil e devoto. Certo dia, o pai, contrário à relação amorosa de sua filha, as confronta com um olhar de fúria. Após a reprovação denunciada pelo olhar colérico do pai, a dama rejeita a jovem, que evade da cena se jogando nos trilhos do trem

ferroviário. É então que “essa cena, que tudo ganhara pelo assentimento do sujeito, perde todo o seu valor, no entanto, com a desaprovação sentida naquele olhar” (ibid., p.125). O desejo pelo pai, determinante para sua conduta demonstrativa própria do *acting out*, se confronta com o olhar de fúria do mesmo. Vemos a dimensão desse olhar ocupando a função do objeto pequeno *a* que, uma vez desnudo de suas vestes imaginárias, torna-se gerador de extrema angústia ao sujeito e

é através disso [olhar do pai] que ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente o *abandonar-se*, o *deixar-se cair*, pode realizar (ibid., p.125).

São estabelecidas as condições necessárias para que sua *mise-em-scène* desmorone: o encontro desestabilizador muda o rumo da história, pois há um confronto do desejo com a lei “que se faz presente no olhar do pai” (ibid., p.125) e o apagamento do sujeito pela sua barra ( $\$ - /$ ), restando daí apenas o que ele é de *a*, resto a ser descartado da cena para o mundo.

Reportando ao quadro da angústia<sup>39</sup>: “*embaraçada* pela situação de encontro com o desejo do Outro, encarnado no olhar paterno, e tomada por uma intensa *emoção*, provocada pela ameaça da separação da dama, a jovem se deixa cair como objeto.” (VIDAL, 1987, p.215). Trata-se de uma posição insustentável que busca resolver essa espécie de curto-circuito do sujeito com o objeto da angústia desvelado pela passagem ao ato. Nas palavras de Calazans & Bastos (2010), “a passagem ao ato é uma solução a este curto-circuito” (p.250).

---

<sup>39</sup> Conferir na página 43 (1º quadro da angústia)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente estudo, buscamos desenvolver determinadas questões impostas a nós durante a pesquisa acerca do conceito da passagem ao ato no terreno do suicídio. Fomos levados, portanto, a discorrer sobre uma objetividade a partir das formulações teóricas de Freud e Lacan destacando uma via possível para pensar nas condições que impeliriam o Eu e o sujeito à auto aniquilação. Contamos com inúmeros conceitos elaborados pelos referidos autores buscando sustentar a hipótese de que, ao se fazer de objeto ou ser, justamente, capturado por uma dimensão objetual, poderíamos pensar o *niederkommen lassen* – esse correlato essencial da passagem ao ato que nos aponta para uma identificação radical com o objeto enquanto resto. Mesmo se tratando de objetos distintos, apostamos em denunciar uma superposição do objeto a partir da identificação. Doravante, observamos no seio de suas respectivas construções teóricas uma dimensão objetual estrutural/constitutiva e suas implicações.

No primeiro capítulo, articulamos a temática do suicídio e a melancolia. Sem reduzir a questão do suicídio ao mecanismo melancólico – mas aproveitando os recursos oferecidos pela discussão proposta por Freud – **observamos na superposição do objeto sobre o Eu, tal como observado na melancolia, um caminho para pensar a auto aniquilação.** Uma vez identificado ao objeto perdido, o Eu se torna alvo de diversos elementos destrutivos que outrora se direcionavam a esse objeto. Dessa maneira, não apenas o conceito da identificação foi capital para pensar a objetividade dentro da temática do suicídio, como os conceitos da ambivalência, sadismo, Supereu e etc. mostraram-se determinantes. Com efeito, o Eu só pode se matar se puder tratar a si mesmo como um objeto ou, pela identificação, dirigir contra si a ira do Supereu com toda a hostilidade e sadismo que antes se direcionavam ao objeto. Tornando-se objeto das pulsões de morte, o Eu “se deixa morrer” (FREUD, 1923/2006l, p.70). No suicídio, o objeto “se revelou mais poderoso que o próprio Eu” (FREUD, 1917/2006h, p.257), análogo ao triunfo do objeto na melancolia, cuja sombra eclipsa o Eu. As autorrecriações e autopunições que fazem parte do quadro penoso do melancólico se explicam, justamente, pela identificação com o objeto perdido e o redirecionamento das críticas à parcela do Eu identificada – que Freud assinalou como a chave do caso clínico.

Essa face objetual do Eu apresentada na melancolia, atrelada às formulações acerca do suicídio, mostrou ser apenas o início de um longo caminho teórico acerca da complexidade da relação do Eu com o objeto. Isso porque o objeto não precisa ser perdido para que haja identificação e, ainda, esta faz parte do próprio processo de constituição do Eu. Ao observar que ele se constitui pelos objetos ao assumir características dos mesmos, sendo um precipitado

dos objetos perdidos, fomos levados a destacar uma face objetual constitutiva do Eu. De todo modo, foi importante salientarmos certos tipos de identificação, tendo em vista que o Eu pode se identificar parcial ou totalmente com um objeto, botando em relevo aquilo que observamos acerca da radicalidade da objetividade revelada no Eu. Assim, no âmbito das suas relações com os objetos de amor, o Eu se identifica a eles preservando traços e, por vezes, sendo superposto devido à radicalidade dessa identificação. Portanto, a identificação regressiva por incorporação/introjeção – presente no mecanismo melancólico, por exemplo –, atravessada por sentimentos ambivalentes, apontou para a canibalização e aniquilação do objeto identificado. Ademais, o sentimento de ódio, em conjunção às tendências agressivas posteriormente articuladas às expressões da pulsão de morte como o sadismo, por exemplo, justificaram uma direção à autodestruição.

Em Lacan, a conceitualização do objeto *a* nos permitiu explorar uma dimensão estrutural da objetividade do sujeito, uma vez que o objeto deve ser cortado, separado e cair de uma operação (como representado no esquema da divisão) para que um sujeito barrado pelo significante emergja no campo do Outro. O objeto pequeno *a*, recortado da imagem e de impossível “significatização”, foi por nós investigado de diversas maneiras. Optamos por destacar sua vertente causadora de angústia para tratarmos a modalidade de ato que visaria resolver tal afeto. O objeto que comparece no lugar da falta como resto, dejetado, libra de carne evidencia que o ao sujeito é também *a*. O objeto da queda (*niederfallen*) de uma operação simbólica que instaurou o sujeito na linguagem é o mesmo que, desnudo de suas vestes imaginárias e aparecendo onde não deveria estar, promove uma espécie de curto circuito que desvela uma perturbadora dimensão objetual do sujeito. A relação súbita com o *a* e sua identificação radical – que, como vimos, é uma condição essencial da passagem ao ato – lança o sujeito em direção à sua exclusão fundamental. O sujeito, capturado objetivamente, é tomado por uma dificuldade e um movimento que o levam a romper com o Outro: ele deixa-se cair, se ejeta na cena para o mundo como esse objeto inassimilável ao significante, resto abominado do Outro.

Destacamos que o campo do Outro, determinado pela lógica significante, é marcado pela falta, tapeação, engano, equívoco, etc., a saber, pela impossibilidade de responder às demandas do sujeito em dar-lhe substância, dar-lhe um único sentido. Articulada ao Outro, a angústia, afeto que não engana, é anunciada pela pergunta “Que queres?”, pois, sem saber qual lugar o sujeito ocupa no desejo do Outro, ele é capturado em sua dimensão objetual. O objeto da

angústia aponta para a inconsistência e impotência do campo do significante e para o furo na imagem que outrora permanecia mascarada, encoberta por um véu.

No plano da passagem ao ato suicida, articulamos o objeto da queda, *niederfallen*, ao deixar-se cair, *niederkommen lassen*, uma vez que o sujeito se identifica radicalmente com esse objeto que sofreu uma “separação”, um corte. Por uma espécie de curto circuito, o objeto pequeno *a* enquanto resto da operação de separação apareceu não mais descolado, como objeto da falta, mas presente e identificado radicalmente ao sujeito. Dessa maneira, apenas o deixar-se cair pode exprimir uma tentativa de fazer cair o objeto, desprender-se desse objeto-dejeto tão perturbador.

As tentativas de suicídio feitas por cortes no corpo ou pela defenestração poderiam nos evidenciar algo dessa ordem? De todo modo, apostamos que, identificado ao objeto, o sujeito (se é que podemos falar de sujeito no instante do ato) cai como objeto, libra de carne, como um corpo ejetado ou cortado da cena.

O termo *niederkommen lassen*, fruto de um testemunho produzido em análise após uma tentativa fracassada de suicídio, nos leva a pensar que talvez uma passagem ao ato só possa ser tomada em seu valor de ato a partir de uma análise, retirando da ação suicida seu valor significante. Parece-nos que o sujeito que tenta se matar – rompendo com o campo do Outro no instante do seu ato – mas não chega ao fim de seu corte possibilita a produção de um relato e o endereçamento a um analista. Sugerimos que aí sim um sujeito (renovado) pode emergir, situando mais uma vez seu desejo e, portanto, rearticulando o objeto *a* em seu circuito.

Nosso percurso visou tratar do conceito da passagem ao ato, atrelando-o à temática do suicídio, a partir de uma dimensão objetal que se mostrou indispensável para a investigação. Apostamos, portanto, em uma via – dentre muitas outras possíveis – para se pensar essa temática tão complexa e enigmática através de uma objetividade estrutural, constitutiva. Cabe-nos ressaltar, por último, que não pretendemos esgotar o tema e as inúmeras articulações suscitadas pela pesquisa em hipótese alguma. Sabemos que existem diversas leituras possíveis e nelas nos são apresentados furos, manchas e buracos a serem trabalhados com muita atenção e rigor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, C.M.E.; FONTELENE, L.B. Bases conceituais para o entendimento da identificação na melancolia: da identificação ao objeto perdido à identificação à face real do objeto *a. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, Rio de Janeiro, 11(21), 16-31, nov. 2015 a abr. 2016. Disponível em <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22759>>. Acesso em: 5 dez.2019.

BRUNHARI, M. V. *Suicídio: um enigma para a psicanálise*. Curitiba, Juruá, 2017.

CALAZANS, R.; BASTOS, A. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 245-256, Aug. 2010. Available from:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198402922010000800002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922010000800002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 out. 2019. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>.

FIGUEIREDO, Patricia. Na contramão da tendência mundial, taxa de suicídio aumenta 7% no Brasil em seis anos. *GI*, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/09/10/na-contramao-da-tendencia-mundial-taxa-de-suicidio-aumenta-7percent-no-brasil-em-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 7 de jan. de 2020.

FREUD, S. (1895) Rascunho G, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.

\_\_\_\_\_. (1901) Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.VI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.

\_\_\_\_\_. (1910) Contribuições para uma discussão acerca do suicídio, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.

\_\_\_\_\_. (1914) Recordar, Repetir e Elaborar, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.XVI* Rio de Janeiro: Imago, 2006d.

\_\_\_\_\_. (1914) Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.XVI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006e.

\_\_\_\_\_. (1915) Os Instintos e Suas Vicissitudes, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006f.

\_\_\_\_\_. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. Rio de Janeiro: Imago, 2006g.

\_\_\_\_\_. (1917[1915]) Luto e Melancolia, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006h.

\_\_\_\_\_. (1920) Além do Princípio do Prazer, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006i.

\_\_\_\_\_. (1920) A Psicogênese de Um Caso de Homossexualismo Numa Mulher, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006j.

\_\_\_\_\_. (1921) Psicologia de Grupo e a Análise do Ego, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006k.

\_\_\_\_\_. (1923) O Ego e o Id, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006l.

\_\_\_\_\_. (1926[1925]) Inibição, sintoma e angústica, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006m.

\_\_\_\_\_. (1930[1929]) O Mal Estar na Civilização, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006n.

GUIRAUD, P. (1931) Les meurtres immotivés. *L'évolution psychiatrique*. n° 2, 2ª série, mar.

LOPES, A. M. C. S.; SANTIAGO, J.; FERREIRA, R.A. Psicopatologia da imagem corporal: causalidades e consequências. *Mental*, Barbacena, v. 6, n. 11, p. x, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167944272008000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272008000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

LACAN, J. (1932) *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*. Trad. Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. (1948). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.104-126, 1998.

\_\_\_\_\_. (1961-1962). O *Seminário, livro 9: A Identificação*. Inédito. Publicação não comercial para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. (1967-68) *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.

NASIO, J.D. *Introdução à topologia de Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

TENORIO, F.; COSTA-MOURA, F. Melancolia como presença real do objeto - uma abordagem lacaniana. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 469-484, Sept. 2014. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142014000300469&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000300469&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2019.

VIDAL, E. (1987). *Passagem ao ato e acting out*. In: I Encontro do Campo Freudiano no Brasil. Curitiba, RS, Campo Freudiano.